

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

www.leader.pt

II Série | Nº 29 | Maio 2005



Pressão registada na Charneca (2000) / Paulo/Miros dos Santos

Em Destaque
**Turismo e outras
actividades equestres**



Charneca
Charneca

P 12 Um fim-de-semana na Charneca Ribatejana

P 14 e 15 Coudelaria de Alter

P 17 IV CNA LEADER+

P 18 VI MANIFESTA

Actividades equestres em expansão

Portugal desenvolveu ao longo da história uma forte tradição equestre. As gravuras de Foz Côa, que remontam ao Paleolítico, a abundante presença desses esquilos e quase etéreos equídeos não pode deixar de nos questionar sobre a relação do homem com o animal, e do complexo esquema de representações e produções simbólicas a ele associado.

As actividades equestres vêm-se afirmando também pelo seu potencial económico, podendo afirmar-se que constituem um sector económico em expansão. Mas outras funções poderão ser evocadas: a do seu papel na constituição de um património genético, a da sua relação estreita com a vida do Homem, nomeadamente num quadro de actividades agrícolas e desportivas, a sua associação à história do país e às histórias particulares de cada lugar e regiões, as suas funções federadoras, terapêuticas, sociais. Atrrelagem, hipoterapia, equitação de trabalho, turismo equestre, *horseball*, são alguns exemplos de novas e velhas modalidades e funções que incorporaram o leque destas actividades.

As actividades equestres contribuem, assim, fortemente para responder a uma procura crescente, são criadoras de emprego, permitem diversificar as actividades no espaço rural, num quadro de pluriactividade (associadas ao turismo nomeadamente), e constituem verdadeiros pólos de atractividade e animação nos territórios rurais.

Actividades promovidas pelo Programa LEADER+ em muitos pontos do território nacional, tais como, Península de Setúbal, Serra da Estrela, Vale do Sousa, Costa Vicentina, e que evidenciam o potencial e a importância destas iniciativas.

Outros actores dignificaram esta actividade e deram-lhe corpo ao longo da História, como a Federação Equestre de Portugal ou a Coudelaria de Alter fundada em 1748, por D. João V, "(...) com o objectivo de melhorar a criação cavalara nacional e, consequente-

mente, criar coudelarias que permitiam o desenvolvimento da arte equestre em Portugal". Novos intervenientes exploram com sucesso a vertente terapêutica, estreitamente associada à qualidade da relação que se estabelece entre o homem e o animal, como é o caso da Associação Portuguesa de Hipoterapia.

A região da Charneca será porventura uma das mais paradigmáticas no campo das actividades equestres: estão fortemente presentes na nossa memória colectiva os Campinos do Ribatejo, esses "pastores da Lezíria" e a sua relação com o seu instrumento de trabalho, auxiliar e companheiro, o cavalo. "Notável por muitas razões, a Charneca Ribatejana impressiona pelo modo como, a dois passos de Lisboa, manteve uma vincada identidade cultural e não se deixou asfixiar pelo abraço da grande cidade". Para o coordenador do GAL da Charneca - Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana, Xavier de Basto, a saída dos jovens activos é um dos principais problemas do território. Focos de desemprego crescente em certas regiões, como Alpiarça, constituem também um factor preocupante: a actividade agrícola mantém uma expressão significativa mas a proximidade com Lisboa pode ser encarada como uma vantagem. O território de intervenção da Charneca compreende sete concelhos: Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã e Salvaterra de Magos. Para além das actividades equestres, a gastronomia e os excelentes vinhos, o vasto património ambiental, e uma diversificada oferta de lazer e cultural constituem outros pólos de atracção para esta região. Situada entre os rios Tejo e Almonda, ao longo de 554 hectares, a Reserva Natural do Paúl do Boquilobo constitui "a única Reserva da Biosfera existente em Portugal, estatuto concedido pela UNESCO em 1981, e possui a maior colónia de garças da Península Ibérica, e aí se encontram espécies como a gaivína-dos-pauis, o colhereiro, os patos zarro, a marrequinha ou real ou a rara água-pesqueira".

Motivos múltiplos para se deixar seduzir por uma escapadinha ou para umas férias mais longas, aproveitando a época estival.

Cristina Cavaco

Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
Código postal: -	
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	

Recorte ou fotocopie, e envie para: IDRHa, Rede Portuguesa LEADER+ Av. Defensores de Chaves, n.º 6 - 1049-063 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos:

- divulgar e promover o LEADER+;
- reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

IDRHa
Rede Portuguesa LEADER+
Av. Defensores de Chaves, n.º 6
1049-063 Lisboa
Telf.: 21 3184419
Fax: 21 3577380

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ www.leader.pt e preencha, por favor, *online* o formulário disponível no *link* **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação ao IDRHa com a devida antecedência. Obrigado.

O LEADER na política de desenvolvimento rural

Instrumento incontornável

Foi recentemente aprovado o FEADER - o regulamento que define, na prática, o sistema de incentivos às zonas rurais e que, portanto, vai regular o quadro financeiro para 2007-2013. Contudo, importa reflectir... Uma coisa será a coerência da política agrícola comum, em termos conceptuais, outra é a forma como está a ser aplicada. A Europa construi-se sobre valores nobres da humanidade. A política de desenvolvimento rural deverá ser fiel a estes valores.

Estamos numa fase de particular ebulição sobre as questões relacionadas com o desenvolvimento rural. Foi recentemente aprovado pelo Conselho a proposta de Regulamento do FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Apoio ao Desenvolvimento Rural). Na prática, trata-se do regulamento que define o sistema de incentivos às zonas rurais e que, portanto, regulará o quadro financeiro a adoptar no período 2007-2013.

Contudo, importa desmistificar uma ideia profundamente injusta, que facilmente se disseminou no espaço europeu, em particular nos meios urbanos, de que os agentes do meio rural e em particular os agricultores são beneficiários líquidos dos impostos pagos pelos cidadãos europeus. Numa abordagem primária é, de facto, esta a impressão que fica. Aliás, uma parte importante da cobertura noticiosa dada ao fracasso da cimeira de chefes de estado da União Europeia (UE) realizada no passado mês de Junho no Luxemburgo, centrou-se no diferendo entre a França e o Reino Unido, alegadamente por questões relativas ao financiamento da PAC, aumentando assim a certeza de alguns de que os ditos dinheiros agrícolas são um verdadeiro desperdício. Pois bem, para quem lida com os problemas do mundo rural compreende facilmente quão demagógica é esta interpretação.

Importa pois reflectir sobre estas questões. A política agrícola comum foi nos seus aspectos essenciais muito bem sucedida. Ou seja, atingiu os objectivos para os quais foi definida. Os tempos mudaram, mas as necessidades das zonas rurais, no essencial, continuam a apresentar elementos preocupantes quando se analisam os principais indicadores de desenvolvimento, em especial se observado numa óptica de coesão territorial. Nas zonas rurais o rendimento *per capita* é significativamente inferior à média europeia, o envelhecimento da população activa é mais acentuado e existe uma maior dependência do sector primário. Por outro lado, a taxa de desemprego é mais elevada, sendo evidentes fenómenos de despovoamento, aumentando assim o risco de agravamento do acesso a serviços básicos e naturalmente a exclusão social. Se associarmos estes indicadores à dimensão e importância das zonas rurais no território europeu, poder-se-á começar a perceber a razão de ser da existência de verdadeiras políticas de desenvolvimento em zonas rurais: o território rural representa 90 por cento da área da UE habitando neles aproximadamente 50 por cento da população europeia.

PAC - muito mais que uma transferência de fundos

No âmbito da Agenda 2000, foi definida a política de desenvolvimento rural como o segundo pilar da PAC. Significa pois que esta política deverá inevitavelmente ser compatível com os objectivos do primeiro pilar. Este pilar concentra-se no apoio ao rendimento básico dos agricultores, enquanto que o segundo pilar pretende apoiar a agricultura nas suas funções ambiental, rural e fornecedora de bens públicos. Reflectindo sobre as conclusões da cimeira de Salzburgo, bem como algumas orientações estratégicas dos conselhos europeus de Lisboa e Gotemburgo, a nova política de desenvolvimento rural assenta em três eixos: aumento da competitividade do sector agrícola através do apoio à reestruturação; promoção do ambiente e das zonas rurais através do apoio ao ordenamento do território; e promoção da qualidade de vida nas zonas rurais



Paula Monteiro/Santos

e da diversificação das actividades económicas envolvendo, assim, outros actores no mundo rural para além dos agricultores.

Há pois uma lógica em todos os sistemas de incentivos às zonas rurais. A política agrícola comum não se cinge apenas a uma política agrícola na sua interpretação mais restrita, mas é antes uma política de carácter integrado, envolvendo componentes ambiental territorial socioeconómica.

Uma coisa será a coerência da política em termos conceptuais, outra é a forma de como está a ser aplicada. Há, a meu ver, uma dissociação entre os objectivos nobres da política agrícola comum e a aplicação do designio da coesão que lhe está subjacente. Esta incongruência espelha-se na distribuição dos montantes financeiros entre os vários Estados-membros. Algum menor cuidado na distribuição de verbas no âmbito da política agrícola comum facilita a crítica recorrente de que a PAC é para alimentar os agricultores. Porventura, se houvesse uma maior preocupação de coesão na aplicação da PAC, talvez fosse mais fácil passar a mensagem junto da opinião pública europeia de que a PAC é muito mais do que uma mera transferência de fundos. Neste sentido, a política de desenvolvimento rural desempenha um papel muito importante, uma vez que poderá contrabalançar alguns desequilíbrios existentes no primeiro pilar. Por outro lado, pelo seu carácter integrador, permitirá cimentar a ideia de que as políticas nas zonas rurais vão muito para além de mera actividade agrícola.

A Europa construi-se sobre valores nobres da humanidade. A política de desenvolvimento rural deverá ser fiel a estes valores. Afinal são as pessoas que interessam, e um mundo rural deserto é, por si, um contra-senso. O Programa LEADER, pelas suas características, assume-se como um instrumento incontornável na política de desenvolvimento rural, contribuindo para um desenvolvimento económico e social das áreas rurais. Os cinco por cento fixados para a abordagem LEADER no próximo período de programação, permitem alimentar a esperança de que o trabalho até agora desenvolvido pelos GAL (Grupos de Acção Local) terá seguimento e de que esta abordagem se irá enraizar nas práticas de governação dos territórios rurais.

Rui Batista
IDRHA

Projecto de Formação da Federação Equestre Portuguesa

Escola Nacional de Equitação

Qualquer projecto de formação pressupõe o conhecimento prévio das respectivas necessidades. Existia do antecedente uma percepção preocupante das carências existentes na área equestre, mas só o tempo e o contacto directo com a realidade nacional nos permitiu um diagnóstico mais rigoroso, cujos resultados ultrapassaram as piores expectativas face aos legítimos anseios de recuperar uma posição no mundo que infelizmente se perdeu.

O conhecimento dos imperativos legais estabelecidos nos decretos-lei que regulam a atribuição dos licenciamentos e alvarás às instalações equestres, bem como a obrigatoriedade da existência de responsáveis técnicos com formação curricular adequada à tipologia do funcionamento das mesmas, desempenharam um papel importante na orientação seguida. As coimas e interdições resultantes do incumprimento da legislação ajudaram à divulgação de preocupações com a formação.

O aumento alarmante da sinistralidade equestre verificada nos Centros Hípicos, a necessidade de terminar com a anarquia que, em nosso entender, é responsável por essa sinistralidade, bem como pelo baixo nível qualitativo que tem vindo a acompanhar o crescimento quantitativo, determinaram que a Direcção da Federação Equestre Portuguesa (FEP) colocasse como uma das suas primeiras prioridades a Formação Profissional de Formadores Equestres.

No período luminoso da equitação desportiva em Portugal, isto é nas décadas de 40 e 50, a prática do desporto equestre, contou sempre com a produção regular de formadores sustentados pelo Exército através da sua Escola Militar de Equitação (Maфра), internacionalmente conhecida e prestigiada, cuja produção bastava para alimentar a alta competição, até então assegurada por equipas maioritariamente constituídas por oficiais do Exército.

Os tempos foram mudando e, apesar de Maфра ter aberto as portas à formação de formadores civis a partir de 1956, as condições oferecidas muito pouco favoreceram a sua participação até aos nossos dias. Por outro lado, a equitação militar deixou em Portugal, como no resto do mundo, de ser o sustentáculo da prática do desporto equestre, que cresceu quantitativamente, de forma explosiva, em todas as disciplinas.

Do diagnóstico feito resultou muito claro que o mercado não dispunha de responsáveis técnicos certificados para cobrir, sequer, um terço dos centros hípicos registados na FEP. Assim, se por um lado procurávamos sensibilizar os centros hípicos para a necessidade de cumprirmos a legislação em vigor, por outro consciencializámos a dura realidade das estruturas de formação não terem capacidade de resposta, nem permitirem, alguma vez, a alteração deste quadro.

Na verdade os cursos de Maфра, com a duração de nove meses e custos altíssimos, lançavam anualmente no mercado três a quatro novos formadores civis, e os cursos realizados nas Escolas Técnicas, direccionados para jovens do ensino técnico profissional agrícola, também não satisfiziam as necessidades do mercado. Impunha-se, pois, tomar medidas excepcionais para aumentar muito rapidamente a situação no mercado de oferta de formadores e responsáveis técnicos. Foi assim que, recorrendo a um grupo de cavaleiros com experiência de formação, começámos, em Setembro de 2001, a estudar e preparar acções de

formação intensivas, rápidas e qualitativamente credíveis, que se iniciaram na Coudelaria de Alter em Dezembro desse ano.

As nossas melhores expectativas apontavam para a formação, num ano, de 60 a 70 responsáveis técnicos em reforço dos formados todos os anos em Maфра e nas Escolas Profissionais de Alter e Abrantes, mas os factores motivadores antes referidos surpreenderam-nos, pois tivemos, até Janeiro de 2003, 146 candidaturas, das quais resultou a colocação no mercado de 116 novos responsáveis técnicos ao nível de monitor de equitação.

Logo em Fevereiro de 2003 a fonte de recrutamento para estes cursos intensivos estava esgotada e as carências do mercado pouco tinham sido alteradas, face à enormidade do défice existente.

Teríamos de partir para outra estratégia que permitisse recrutar praticantes com bom nível equestre, ainda que sem experiência de formação. Para isso teríamos de desencadear uma acção muito concertada na formação de praticantes, base do recrutamento de profissionais, a partir dos Centros Hípicos dedicados a este tipo de formação.

Centros hípicos federados

Isso conduziu-nos à constituição da Rede Nacional de Centros Hípicos Federados, baseada no levantamento, classificação, qualificação e dinamização dos Centros existentes, operação difícil e dispendiosa, cujos resultados iniciais foram desanimadores. Só em 2005 conseguimos finalmente montar uma estrutura credível que respondesse a esta tarefa sem fim, visto dever ser continuamente renovada e atualizada.

Não obstante as dificuldades e sem dispor de estrutura de apoio, em quatro anos, de 11 centros hípicos qualificados para formação base, passámos para 40, que designámos de Formação e Exame e que foram classificados de duas a cinco estrelas, consoante o nível da respectiva qualificação.

De 250 exames de sela (graus) realizados em 2001, passámos para 470 em 2004, sendo que estes exames marcam não apenas a licença para concorrer em provas oficiais, como também o patamar de acesso aos cursos de formação de formadores.

Apesar das dificuldades, conseguimos iniciar a sementeira necessária à criação da população-alvo, que é o primeiro passo de uma estratégia eficaz. Nada parecido se havia realizado na história da FEP, ou da equitação em Portugal, ainda que haja a consciência de que os frutos só se colherão a médio e longo prazo.

Mas nada disto resolveria a situação se não criássemos uma estrutura de formação profissional de formadores com capacidade para colocar no mercado o número de técnicos em défice e, simultaneamente responder às previsões de desenvolvimento existentes.

A resposta residiu na constituição da Escola Nacional de Equitação (ENE), destinada principalmente, mas não exclusivamente, à formação profissional. Esta escola teria, no entanto, de funcionar em moldes totalmente diversos dos tradicionais. A primeira preocupação residiu em conceber estruturas de curso que permitissem custos acessíveis baseados na alternância entre a formação modulada em regime de curto internamento, com períodos mais alargados de formação no local de trabalho.

Este foi o primeiro "ovo de Colombo", inovador a nível nacional e internacional. O segundo "ovo de Colombo" consistiu em "levar a escola aos formandos" contrariando a velha tendência de criar "elefantes brancos", centralizados, difíceis de gerir e de sustentar. Assim, sendo a ENE, uma associação mista de entidades públicas e privadas, integrando, como sócios, estruturas de formação já existentes, bastaria transformá-las em pólos formativos, poupando custos de investimento importantes e ajudando a rentabilizar as estruturas formativas dos próprios sócios. Esta estrutura poli polar permite ainda a especialização por disciplinas, ajustando-a regionalmente, consoante o tipo de actividade mais característico e frequente de cada região.

Nesta data está fundada a ENE, por escritura pública celebrada na Capital do Cavalo - Golegã - a 16 de Março do corrente ano, bem como eleitos os seus corpos sociais e criadas as suas estruturas técnico-pedagógicas.

A ENE executa a formação dos recursos humanos da responsabilidade da FEP, sua sócia tutelar, mas conta ainda, como sócios fundadores a Sociedade Hípica Portuguesa, o Centro Hípico do Porto e Matosinhos e as Câmaras Municipais da Golegã de Alter do Chão.

Cor. Cav. João Bilstein de Sequeira
Vice-presidente da FEP
Director da ENE

Federação Equestre Portuguesa

A Federação Equestre Portuguesa (FEP) foi fundada em 1927 e obteve o reconhecimento como entidade pública desportiva em 1977. A FEP representa todo o desporto equestre em Portugal e é constituída por diversas associações e clubes. É membro da Federação Equestre Internacional (FEI) e do Comité Olímpico de Portugal.

Tendo por missão organizar, dirigir e promover o desporto equestre em Portugal, a FEP procura incrementar a visibilidade mediática da equitação e dos desportos equestres a nível nacional, integrar Portugal no circuito dos grandes eventos internacionais da modalidade, e elevar a performance das seleções nacionais em todas as modalidades equestres nos campeonatos europeus e mundiais e jogos olímpicos, assegurando qualificações sistemáticas e participações competitivas. Muito recentemente, a FEP alcançou dois grandes objectivos: a constituição da Rede Nacional de Centros Hípicos e da Escola Nacional de Equitação (ENE). A primeira para o enquadramento federativo dos centros hípicos do país e respectivos praticantes, a ENE de forma a satisfazer as necessidades de formação dos responsáveis técnicos qualificados para os centros hípicos e outras instalações equestres do país.

Na história da FEP destacam-se as conquistas de medalhas olímpicas em Paris (1924), Berlim (1936), Londres (1948) e, mais recentemente, o título de Campeões da Europa de resistência equestre em 1999 e Vice-campeonato do Mundo de Atrelagens em 2001.

Fonte: www.fep.pt

A Charneca Ribatejana

“O Ribatejo tem, desde há muito, uma forte e colorida imagem de marca, identificada mesmo por quem nunca o visitou: touros e cavalos, touradas e ganadeiros, campinos e fandango. Tudo isso existe na realidade, mas, precisamente por ser já tão divulgado, não é o objecto principal deste artigo, que se consagra a um Ribatejo menos visível mas porventura ainda mais autêntico – o da Charneca.”

O Ribatejo é o coração geográfico e cultural de Portugal, sobre o qual convergem todas as influências climáticas e etnográficas. Encravado entre regiões tão vincadamente contrastantes – o litoral atlântico, o interior seco e de olhos postos em Espanha, o norte montanhoso, a planície alentejana cheia de reflexos mediterrânicos – o Ribatejo poderia conter um pouco de tudo isto e não passar de uma incarácterística zona de transição. Quis o Tejo que assim não fosse, criando, literalmente, o seu próprio território. Trabalhando incansavelmente, século após século, preencheu de sedimentos toda a vasta área que havia sido um golfo do Atlântico e, depois, um grande lago. Com a fertilidade dos aluviões, o Tejo trouxe a civilização, a cultura e um modo de vida quase anfíbio que diferencia o Ribatejo de qualquer outra região portuguesa.

Engana-se quem queira comparar o vale do Tejo com a Camargue ou com as marismas de Doñana, por exemplo, só por serem também zonas de aluviões, baixas, férteis e inundáveis. De facto, ao contrário do Ródano e do Guadalquivir, que terminam em deltas espalhados sobre grandes e uniformes planícies, o Tejo termina num enorme estuário e, mesmo no seu curso final, constitui uma linha de fractura, até geológica e sismológica, que separa regiões naturalmente muito distintas. Aí radicam a identidade e a forte personalidade do Ribatejo, que nem a proximidade da capital tem conseguido esbater.

Enganou-se, também, quem acreditou que algumas muralhas de betão conseguiriam domar por completo o caudal do Tejo. As enormes barragens construídas no seu curso médio regularizaram o rio e criaram, durante alguns anos, uma sensação de previsibilidade muito a gosto das modernas civilizações tecnocráticas. Evocava-se, já com nostalgia e como fenómeno recorrente, um passado para sempre desaparecido, as grandes cheias de outrora, a que as gerações mais novas nunca haviam assistido. Inesperadamente, as grandes inundações do Inverno de 2000-2001 ensinaram que não se pode menosprezar o enorme poder da bacia hidrográfica do Tejo. Cobrindo todo o Ribatejo, como as artérias de um organismo irrigam cada uma das suas células, o mapa desta bacia hidrográfica permite, por si só, definir a região e compreender a sua estrutura física. Tudo em função do Tejo, dos seus ritmos e das suas cheias que, na sua dimensão, na sua importância económica e na sua antiga regularidade, só encontram paralelo nos míticos Nilo e Eufrates, tão citados na Bíblia e, não por acaso, considerados como berço de civilizações.

O Ribatejo tem, desde há muito, uma forte e colorida imagem de marca, identificada mesmo por quem nunca o visitou: touros e cavalos, touradas e ganadeiros, campinos e fandango. Tudo isso existe na realidade, mas, precisamente por ser já tão divulgado, não é o objecto principal deste artigo, que se consagra a um Ribatejo menos visível mas porventura ainda mais autêntico – o da Charneca. Os concelhos da Charneca Ribatejana – sendo seis na margem esquerda do Tejo (Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche e Salvaterra de Magos), e o sétimo na margem direita (Golegã) – situam-se na margem menos frequentada do rio, beneficiando da proximidade do eixo Lisboa-Porto, mas sem disso sofrerem os inconvenientes. Estão mais imunes ao desordenamento que assola as grandes parcelas do território nacional, com



graves consequências no que se refere à descaracterização da paisagem e à qualidade de vida das populações. A sua morfologia, a sua paisagem e a sua agro-economia são marcadas pela beira-rio, pela campina inundável e pelos terrenos mais elevados, mais secos e florestados, que suavemente consomem a ligação com o vizinho Alto Alentejo.

Notável por muitas razões, a Charneca Ribatejana impressiona pelo modo como, a dois passos de Lisboa, manteve uma vincada identidade cultural e não se deixou asfixiar pelo abraço da grande cidade. Nem a sua estrutura empresarial e fortemente mecanizada das grandes explorações agrícolas conseguiu limitar e quebrar a fluidez dos grandes horizontes. O céu, a água e a terra convivem numa rara harmonia a que nem falta o fogo das forjas do ferrador para perfazer os quatro elementos essenciais à vida. A quem tivesse dúvidas sobre a autenticidade deste cenário, a naturalidade com que pastam os touros bravos, os cavalos Lusitanos e, nalgumas zonas, os cavalos do Sorraia, diz que este é o seu habitat.

Tal como todo o Ribatejo, os concelhos da Charneca possuem uma notável riqueza natural, etnográfica e monumental. De acordo com os seus interesses, o visitante poderá conhecer a região a partir de diferentes pontos de vista, os mais tradicionais dos quais são o dos touros, suas ganadarias e a tauromaquia e, naturalmente, dos cavalos, coudelarias e as suas artes. Poderá também interessar-se pela história, produção e experimentação de vinhos e, nesse caso, encontrará à sua disposição vários percursos equestres organizados e acompanhados. Ou poderá, simplesmente, gostar de deambular, sem pressa e sem programa definido, por esta região bellissima, onde paisagens deslumbrantes, uma gastronomia variada e de qualidade, a diversidade de animação turística, a qualidade dos alojamentos, lhe garantem não ser preciso ir para mas longe com a Charneca tão perto.

Charneca Ribatejana

Os desafios de criar cavalos no século XXI

Criar cavalos, no século XXI, é uma actividade que apresenta fortes desafios, seja qual for o país em que tiver lugar.

Os cavalos são animais geneticamente destinados a viver em manada, em grandes espaços, com liberdade para correrem velozmente. Aspecto que deverá ser tido em consideração aquando da concepção e gestão de uma instalação para a criação de cavalos. Manter os cavalos fechados em estábulos durante as 24 horas do dia é uma prática desumana que não deveria ter razão para existir nas modernas instalações para criação de cavalos. Estudos e pesquisas já efectuadas provam que lhes deve ser proporcionado espaço e liberdade para se poderem movimentar livremente, idealmente durante as 24 horas do dia e em todas as condições de tempo. A possibilidade de interacção social é também um factor-chave para o bem-estar dos cavalos. Uma manada é normalmente composta por uma égua que a lidera ("alfa") e pelas suas seguidoras (égua menos dominantes, normalmente mais novas, designadas por "beta"). Isto é muito importante para a integração social e estabilização do grupo. Quando se procede à criação de cavalos, o garanhão ou cavalo de procriação deve também, idealmente, fazer parte da manada.

Nas modernas práticas de criação de cavalos, isto pode, contudo, ser um verdadeiro desafio! É que não só os proprietários do garanhão e da égua podem recrear que os seus animais se magoem quando deixados a procriar à vontade, como também é difícil efectuar testes de gravidez de rotina por meio de ultra-sons. Quando se permite que os cavalos vivam em manada, com um garanhão, desenvolvem uma grande inter-ligação e sentido de "grupo", pelo que se torna muito difícil separar uma égua das outras para lhe efectuar um teste de gravidez por ultra-sons.

A vantagem do método de procriação livre é que a taxa de fertilização ascende para cerca de 98 por cento em vez dos 75 por cento correspondente à resultante da prática da inseminação artificial. Esta elevada taxa de fertilidade resulta do facto do garanhão "saber" que égua cobrir e em que altura fazê-lo. As mais modernas práticas de criação de cavalos ensinam que, a fim de assegurar a maior higiene possível na procriação, deve ser feita em todas as éguas a colheita de esfregaço vaginal (papanicola) para exame citológico, garantindo que eventuais infecções bacterianas não passem de umas para outras. Por seu lado, e para o mesmo efeito, o garanhão deve ser examinado, antes de ter início a época de acasalamento, quanto a doenças infecciosas ou infecções bacterianas que possa eventualmente transmitir às éguas.

Optando-se pelo método da procriação em liberdade, torna-se fundamental que o responsável pela instalação de criação proceda a verificações diárias dos animais no campo de pastagem a fim de monitorizar o comportamento das éguas e do garanhão, manter um registo actualizado dos ciclos menstruais das éguas, a fim de saber quais as que estão na fase do cio e as que saíram dessa fase.

Outro factor importante a considerar quando se usa este método de procriação é a área de pastagem disponível para os cavalos. O valor mínimo dessa área é de ¼ de hectare por cavalo. Este valor nada tem a ver com a área de pastagem que é necessária a cada cavalo mas apenas ao "espaço" que cada um precisa para se manter afastado das investidas dos mais "dominantes" da manada. Este valor depende muito do clima e das condições em que a pastagem é mantida ao longo do ano. O pasto é fertilizado? É irrigado? As terras são secas? Ou chove regularmente o suficiente para manter o pasto verdejante durante o período de pastagem? É para este tipo de perguntas que é preciso encontrar uma resposta sendo, conforme a avaliação das condições do terreno de pastagem, necessário determinar as medidas a tomar para melhorar as condições da pastagem para a manada.

Alimentação e vacinação dos cavalos

É sabido que os terrenos de pastagem para as manadas de cavalos requerem uma manutenção mais intensa. Isto tem a ver sobretudo com a forma como os cavalos comem. É que os cavalos comem as ervas de que mais gostam até à raiz, ao contrário das vacas que se limitam a comer as partes superiores das mesmas. Os pastos que servem de alimento a vacas recuperam, assim, muito mais depressa. Outra das razões pelas quais os pastos para cavalos requerem mais cuidados é que estes são muito mais exigentes quanto ao "gosto" das ervas que comem, deixando de lado aquelas cujo sabor não gostam (designadas "ervas-daninhas") que, naturalmente, passam a dominar, pela presença, as pastagens.

Um factor da maior importância, na criação de cavalos, é a sua alimentação durante os meses de Inverno. Este problema varia, naturalmente, de região para região. Na Europa Central é fundamental dispor-se de estábulos a que os cavalos tenham acesso durante as 24 horas do dia, para se poderem recolher nos períodos mais agrestes embora, também neste caso, nunca se devam deixar os cavalos fechados no seu interior. Idealmente, os cavalos deverão ser mantidos em grupos de cinco a sete indivíduos, no máximo. Isto permite ao gestor da instalação uma monitorização e um controlo cuidado da saúde global da sua manada. Também a manutenção dos cavalos em grupos pequenos é mais simples, já que o doseamento da sua alimentação é mais fácil e preciso do que em grupos grandes.

A gestão básica dos cavalos inclui, naturalmente, a sua vacinação, que é efectuada uma ou duas vezes por ano, contra o herpes (tipos 1 e 4), tétano, gripe, rinopneumonia ou raiva, consoante a sua potencial exposição a este tipo de doenças. Também a desparasitação do tracto intestinal deve ser feita numa base regular com produtos apropriados, especialmente no que se refere a éguas lactantes e suas crias. Normalmente, os cavalos são desparasitados quatro vezes por ano. As éguas lactantes seis vezes por ano. Os potros, por seu lado, devem ser desparasitados todas as três ou quatro semanas, começando-se quando têm três semanas de vida e prosseguindo-se com esta periodicidade até fazerem oito ou 10 meses.

Carla Welter

Coordenadora da Unidade Nacional de Animação LEADER+ Luxemburgo

Nota da Redacção

Este texto, como refere a autora, "não tem como objectivo cobrir todos os aspectos da criação de cavalos nem discuti-los exaustivamente mas apenas dar alguma informação básica sobre a actividade". Carla Welter, bióloga e criadora de cavalos "Quarter Horse", é uma especialista em cavalos que amavelmente aceitou o convite do "Pessoas e Lugares" para escrever sobre o tema "Em destaque" neste número e que, no caso, é a coordenadora da Unidade Nacional de Animação do LEADER+ no Luxemburgo.



Carla Welter

Turismo Equestre ou “ as voltas que o mundo dá”

Por vezes, o trabalho em Desenvolvimento Rural parece-se com aquela história das conversas e das cerejas...

Tudo começou com uma conversa com um sócio fundador da Vicentina - Henrique Ferra - grande apaixonado dos cavalos e um dos primeiros empresários da Carrapateira (Aljezur). Dizia ele que, isto do turismo equestre é muito bonito e podia ser uma actividade económica com elevado sucesso, adequada a uma região de REN (Reserva Ecológica Nacional), só que jamais seria viabilizada sem que se pudesse fazer um seguro de acidente aos utentes. As companhias de seguro só o fariam se os centros hipicos tivessem pessoal qualificado para essa actividade... Não sei, nem importa para o caso, até que ponto as coisas são realmente assim.

Estávamos em 1998 e começámos a “descascar” a questão. Afinal até existem muitos centros hipicos no território, a actividade é semi-clandestina e só se poderá afirmar se resolvermos este problema da qualificação profissional... afinal o nó do problema consiste em adquirir essa qualificação. Procurámos, reunimos e consultámos a ANTE (Associação Nacional de Turismo Equestre), a FEP (Federação Equestre Portuguesa) e o IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional), nada. Ninguém sabia o perfil profissional de um guia equestre, ninguém estava habilitado a examinar e reconhecer essa competência em Portugal e nunca ninguém tinha tentado fazer uma acção de formação que qualificasse os formandos nessa profissão. Pois se ela até nem existia! Na busca de uma solução procurámos saber como se resolvia este problema “lá fora” e fez-se luz no fundo do túnel. Afinal até existia uma organização Inglesa – a British Horse Society - que não só tinha perfeitamente definidos os diferentes perfis profissionais como, mediante exame por eles realizado, emitia certificados de *Auxiliares de Guias Equestre*, *Guias Equestres* e *Gerentes de Centros Hipicos*, certificados esses reconhecidos pela FITE (Federação Internacional de Turismo Equestre). Escrevemos à British Horse Society e na volta do correio tínhamos toda a informação necessária, isto é, o perfil profissional e as competências necessárias de cada profissão, o preço do exame (com o pedido de desculpas por ainda não terem em Portugal examinadores certificados por eles) e a informação de que em Sevilha era possível fazer o exame...

Tínhamos muitas dúvidas se o POEFDS aprovaria um curso destes, tínhamos a certeza que havia de “*cair o Carmo e a Trindade*”, no meio equestre, por a Vicentina, uma Associação de Desenvolvimento Local, avançar com uma acção de formação nesta área e considerámos fundamental assegurar a qualidade dos formadores e a adequação dos conteúdos. Propusemos ao Paulo Menaguchi, um excelente profissional, cheio de garra e vontade, que trabalhava numa propriedade com cavalos e excelentes instalações, cujo proprietário se interessou pela iniciativa e autorizou a ida do Paulo Menaguchi a Sevilha, fazer o curso de Guias Equestres e o exame. Apoiado pelo Programa LEADER II, voltou com o seu certificado de Guia. O Paulo Menaguchi entretanto já possuía o certificado de aptidão pedagógica como formador, do IEFP. Estavam reunidas as condições mínimas para promover uma candidatura para a realização de uma acção de formação de Guias Equestres. Fomos ainda à Coudelaria Nacional procurar formadores de reconhecida competência no meio, discutimos com o Paulo Menaguchi e com o Dr. Mário Barbosa, os conteúdos e cargas horárias, e avançámos com a candidatura ao POEFDS que foi aprovada... Apesar das despesas com o exame não serem elegíveis! A acção de formação, financiada pelo FSE (Fundo Social Europeu) e o Estado português, esteve em execução de Dezembro de 2001 a Novembro de 2002.

Recorremos ao Programa LEADER+ para suportar as despesas com o exame em Sevilha, dos formandos que tinham tido um claro sucesso na formação. Também aqui havia algumas dificuldades, pois o custo da deslocação e do exame era inferior à despesa mínima permitida no LEADER+ e a única solução foi enquadrá-los num projecto interno, sabendo que Lisboa iria dizer mais uma vez que “a Vicentina meteu um projecto interno...”. Em Fevereiro de 2003 vieram os quatro formandos com o diploma de *Auxiliar de Guia Equestre* e de *Guia Equestre*.



Paulo Menaguchi

Foi assim que os cinco primeiros Guias Equestres em Portugal, certificados pela British Horse Society, obtiveram os seus certificados reconhecidos pela FITE.

Faltava ainda divulgar e sensibilizar os centros hipicos e as organizações nacionais do sector... Decidimos promover, em parceria com a FEP e a ANTE, um seminário sobre Turismo Equestre. Procurámos uma, entre tantas Associações Locais de Centros Hipicos, para promover a iniciativa. Sem resultados, mais uma vez se fez um projecto interno ao LEADER+, sabendo que em Lisboa O seminário realizou-se, em Março de 2003, com grande sucesso, apesar de alguns dos “homens dos cavalos” questionarem a competência da Vicentina para fazer um curso de Guias Equestres e, naturalmente, da competência efectiva dos formandos naquela profissão... Felizmente lá estava o certificado da British Horse Society, entregue aos formandos, “com pompa e circunstância”, por Hervé Delambre, Secretário-geral da FITE, entidade que ninguém ousava questionar e, como alguém afirmou, “... que mais não fosse valia pela iniciativa”. Quanto à competência dos formandos, que mais queriam se eles tinham passado no exame da British Horse Society?

Em Janeiro de 2005 tomámos conhecimento da circular n.º 41 da FEP, cuja parte inicial transcrevemos: “1 AVISO PRÉVIO Há conhecimento de centros hipicos que tomaram a iniciativa de realizar, sem o acordo da Federação Equestre Portuguesa, cursos de formação profissional na área do turismo equestre. Alguns deles chegaram mesmo a apresentar candidaturas a apoios comunitários e do Estado português... É dever da FEP alertar todos os centros hipicos nacionais, bem como os candidatos à frequência desses cursos, que os mesmos não são reconhecidos por esta federação e, nos termos da Lei de bases do desporto, também não são reconhecidos pelo Instituto do Desporto de Portugal. Trata-se pois de cursos não oficiais e como tal tratados em termos de mercado de emprego...”.

Resta-nos dizer que a nossa parte foi cumprida. O caminho está aberto. Damo-nos por completamente satisfeitos com o nosso pequeno contributo, desde que os ciosos donos da qualificação dos Guias Equestres, e não só, resolvam o problema. Continuamos a não acreditar em bruxas... mas que as há não temos dúvidas. Aguardaremos por aqui, em terras do Sudoeste, esperando que a FEP, ou quem de direito, venha cá formar os Guias Equestres de que a Região ainda necessita, para além dos outros cinco que por cá já estão, desde 2003 reconhecidos pela FITE!

Pedro Dornellas
Vicentina

Terapia pelo cavalo

O cavalo perfila-se naquela franja a que poderíamos chamar de "terra de ninguém" - nem completamente selvagem, nem doméstico; é esse o encanto, a empatia. Por um lado, sugere o universo a que está submetido ao serviço do homem, por outro, a beleza, a energia, a força rebelde e indomável da Natureza.

Por Hipoterapia ou Equiterapia entender-se-á a técnica reeducativa a um tempo global (todo o organismo participa) e analítica (porque os movimentos independentes e isolados se fazem com precisão) que utiliza o *passo* do cavalo como *utensílio*.

O "cavaleiro", em princípio passivo, absorve os movimentos provocados com a deslocação do animal. Desde logo uma originalidade - a mediação do cavalo, *ser vivo palpitante* não de uma máquina, para dominar lesões sensoriais cognitivas e comportamentais.

Para além do prazer, sem dúvida um progresso e uma estabilização no âmbito físico e motor, do relacionamento e afectividade, do psiquismo (imagem de si próprio, confiança em si), através da actividade lúdico-desportiva.

A terapia equestre persegue três princípios absolutamente essenciais na "construção" do indivíduo (segundo a ontogénese): Integração (*holding*) - seja a possibilidade de adquirir noções espaço - temporais, cuja génese se encontra na *amamentação* e no calor que irradia da mãe (segurança) - "linguagem" corporal: o cavalo reúne a doçura, o calor, o acto de embalar (no andamento a passo) substituído "maternizante" pois se reactivam sensações ligadas à mais tenra infância (atitude afectiva regressiva/reenvio a imagens arcaicas); Alcance gradual da personalidade ("linguagem" gestual - *handling*) - criando laços e tendo como objecto o relacionamento - tempo dos pequenos passos na aprendizagem rumo à "independência" do indivíduo; somam-se através dos hábitos de higiene autónomos, vestir e despir sem ajudas, comer sozinho, etc., (algo de mimético); o cavalo provoca o relacionamento tanto enriquecedor como singular e obriga à passagem a um estado de "independência"; sem se pedir, o cavalo nada faz ou segue o seu instinto, o que origina desencanto ou frustração do cavaleiro, coagindo à iniciativa ou seja à tomada de atitudes que exercitem a tal independência; Omnipotência (fenómeno de "linguagem" verbal) - tendo como finalidade a diferenciação; a criança adquire o sentimento de ser toda poderosa (mal chora ou grita, a mãe ocorre) - satisfação imediata da sua necessidade ou do seu capricho; a distância entre as vontades do cavaleiro e do cavalo desperta o desejo de se diferenciar; para viver algo com o cavalo, o cavaleiro *deve* diferenciar-se, distinguir-se da montada para a poder "guiar" - guiando-a, gratifica-se inteiramente.

Benefícios e vantagens da hipoterapia

Sob a óptica física (topografia do corpo), os benefícios e vantagens da terapia pelo cavalo (síntese) são: regularização do tónus muscular (tonicidade abrangente) - no *andamento a passo (contínuo e ritmado a quatro tempos)*, *movimentam-se 300 músculos* (equilíbrio tónico); plasticidade muscular (descontração/relaxamento); sincronização osteo-articular (elasticidade e flexibilidade); trabalho de simetria e dissimetria corporal; melhoria da mobilidade corporal (flexões articulares); exercício de equilíbrio e de coordenação da motricidade (sistema neuro - muscular); jogo íntimo, tanto associado como independente, entre os membros superiores e inferiores (desde os ombros aos pés); aumento das capacidades de preensão (habilidade digital); aumento da acuidade visual, táctil, auditiva e odorífera: domínio respiratório, com implicação forte do diafragma; desenvolvimento dos reflexos e coordenação dinâmica geral.

Sob a óptica psíquica: melhoria da concentração; tomada de consciência de si próprio (limite do "dentro" e do "fora", do "eu" e do "não-eu") - personalidade; distinção dos dois "hemicorpos" e do respectivo eixo corporal, o que introduz a noção nítida de *lateralidade* (difícil de obter na postura a pé) e do esquema corporal/postural (*ser um corpo e não possuir um corpo*); tranquilidade, segurança, desembaraço, destreza: re-

forço do carácter, da identidade e da confiança; redução das angústias e frustrações, da agressividade e das inibições; redobrado sentimento de *domínio* ("supremacia" do *cavaleiro* sobre o *peão*, o mundo passa a ser visto de cima através do novo ângulo de visão, novo horizonte do alto de mais de 1.60m); catadupa de informações cognitivas; interacções complexas ligadas à sexualidade e ao poder.

Sob a óptica do relacionamento: estímulo de sensações (quase fetais) e percepções que incrementam o *afecto*; acorda o respeito, reforçando as relações simétricas e não complementares; relação sem juízos de valor, sem julgamento (autêntica, generosa e espontânea); relação *mais sensual* que intelectual.

O poder curativo do cavalo consiste em aproveitar os movimentos tridimensionais para estímulo dos músculos e das articulações do paciente. Além disso, o contacto com o cavalo proporciona benefícios terapêuticos a nível cognitivo, comunicativo e de personalidade. Graças a um delicado tratamento de investigação, conhece-se a excelente ferramenta de trabalho que pode chegar a ser o cavalo para a reabilitação de incapacidades físicas e psíquicas.

Esta terapia emprega-se de forma sistemática desde os anos 50-60 mas, as suas vantagens, conhecem-se desde tempos muito recuados. Os antigos gregos, entre eles Hipócrates, aconselhavam a equitação para melhorar o estado anímico das pessoas com enfermidades incuráveis e mais tarde, no séc. XVII, alguns médicos recomendavam montar diariamente o cavalo para combater a gota.

A hipoterapia clássica na Europa reflecte-se no modelo alemão muito utilizado desde 1960, onde o movimento do cavalo e a resposta do paciente constituem o tratamento fundamental.

A hipoterapia requer uma consulta para estabelecer o programa e dirigir especificamente as sessões às áreas de planificação motora e de integração sensorial do paciente. O paciente, em função das indicações do terapeuta, pode adaptar diferentes posturas no cavalo em diferentes sessões.

O cavalo a passo promove uma entrada sensorial através do movimento variável, rítmico e repetitivo. A resposta dos movimentos resultantes, no paciente, é semelhante aos movimentos humanos da pélvis quando anda. A variabilidade da marcha do cavalo possibilita, terapêuticamente, graduar as sensações que o paciente recebe, respondendo com entusiasmo a esta experiência de aprendizagem divertida num meio natural.

Fisicamente, a hipoterapia pode melhorar o equilíbrio e a mobilidade, mas também melhorar as funções de comunicação e comportamento para pacientes de todas as idades. Da hipoterapia podem beneficiar os pacientes com paralisia cerebral, esclerose múltipla, autismo, síndrome de Down, síndrome de Rett, espinha bífida, traumatismos cerebrais, distrofia muscular doenças neuro-degenerativas, doenças traumatológicas, anorexia, bulimia, problemas de comportamento, deficiência mental, incapacidades sensoriais e adaptações sociais.

Francisco Paulo Santos

Presidente da Associação Portuguesa de Hipoterapia



Francisco Paulo Santos



Charneca

Terreno árido e pouco acidentado, de fraca fertilidade, com poucos recursos de água. Terra de predomínio florestal. Terra de vinha e vinhos, e de cavalos e touros. Produtos locais e especificidades culturais têm potencialidades, mas a proximidade de grandes centros urbanos pode transformar-se na principal oportunidade.

Charneca. Cenário predominante nos sete concelhos: Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã e Salvaterra de Magos, que constituem o território da Charneca - Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana.

Um total de 2 790 km², repartidos por 29 freguesias, que excluem os perímetros urbanos de Almeirim, Benavente e Salvaterra de Magos. Cerca de 43 por cento do território é considerado zona desfavorecida (1 200 km²), o que corresponde à totalidade do concelho da Chamusca e freguesias do Couço e S. José da Lamarosa (concelho de Coruche).

Uma faixa de terra encostada à margem esquerda do Tejo, excepção feita ao concelho da Golegã, único dos sete localizado a Norte. Duas margens do mesmo Ribatejo e distrito de Santarém.

Ao nível do relevo verifica-se uma certa uniformidade, com predominância das formas baixas e planas, com altitudes inferiores a 200 m, enquanto a precipitação média anual anda na ordem dos 700 milímetros.

Uniformidade orográfica e meteorológica que contrasta com outras assimetrias territoriais. De acordo com Xavier de Basto, coordenador do Grupo de Acção Local (GAL) da Charneca, "haverá sempre assimetrias", e começam por se manifestar na dimensão, com "dois concelhos enormes: Chamusca e Coruche". No entanto, as preocupações da associação vão noutro sentido. O "esvaziamento das zonas rurais", revela Xavier de Basto. A perda de "população em favor da grande cidade".

Os valores globais do território contrastam com este receio. Os números dos Censos de 2001 assinalam que a população da NUT III da Lezíria do Tejo aumentou 3,4 por cento. Uma observação mais detalhada deixa perceber as assimetrias territoriais. Quatro dos sete concelhos apresentam

aumentos populacionais, com ampla variação. Desde os 26,8 pontos percentuais em Benavente, até aos 2,7 por cento em Almeirim. Salvaterra de Magos (6,2%) e Alpiarça (4,1%) completam o quadro de variações positivas. Nos antipodas destes números, Coruche (-9,7%), Chamusca (-6,4%) e Golegã (-6%), revelam uma evolução negativa dos efectivos populacionais.

Se o problema do crescimento demográfico tem contornos variáveis entre concelhos, a análise dos dados referentes às classes de idades é mais coerente. Na Lezíria do Tejo, o escalão "0 a 14 anos" regista uma descida de -16,8 por cento. Tendência generalizada a quase toda a zona de intervenção, excepto Benavente, que apresenta uma subida de 12,9 por cento. De resto, os outros concelhos registam descidas, sendo as mais alarmantes na Chamusca (-32,5%), Coruche (-30,5%) e Golegã (-23%).

No pólo oposto, encontra-se a classe de "65 ou mais anos", com um crescimento de 22,7 por cento na Lezíria do Tejo, mas que se acentua em Benavente (50,4%) ou Salvaterra de Magos (40,4%). Números que se reflectem no índice de envelhecimento do território de 102 por cento.

Para Xavier de Basto não existem dúvidas. É preciso inverter o sentido de deslocação das pessoas. "Tentar retirar gente das grandes cidades e trazê-la para cá". Traçado o objectivo, para o coordenador da Charneca também não existem muitas dúvidas quanto ao modelo. É necessário "conseguirmos trabalho que lhes garanta rendimento", assegura.

Segundo os Censos de 2001, o conjunto do território da Charneca apresenta uma taxa de desemprego média na ordem dos 9,8 por cento. Acima dos 6,8 por cento registados para o país no mesmo período. Salvaterra de Magos e Coruche são os concelhos mais afectados, com 11,9% e 11,4 por cento, respectivamente. Números que geram leituras dissonantes em função do sentido. Enquanto que Salvaterra de Magos reflecte o acentuar do problema em relação a 1991, no caso de Coruche observa-se um decréscimo de -0,7 pontos percentuais.

Mais uma vez, os diferentes concelhos manifestam evoluções variáveis. Apenas Coruche e Golegã revelam uma diminuição da taxa de desemprego, que é mais acentuada no concelho da margem direita do Tejo, com uma descida de 11,4% para 8,5 por cento, correspondente a 2,9 pontos percentuais. No restante território, a situação agravou-se durante o período entre censos, com especial incidência em Alpiarça (onde subiu de 5,6% para 10,3%) e Chamusca (de 7,1% para 10,3%).

Números que resultam da estrutura económica e produtiva do território. A consulta de dados da Charneca, relativos a 1991, indica que a agricultura detém um peso determinante na taxa de ocupação, correspondendo a 25 por cento do total da população empregada. Para estes números pesa a plantação de arroz, milho grão, milho de silagem e tomate, nas zonas mais próximas do rio, bem como a vinha e as culturas hortícolas, além da criação de gado em regime extensivo, trigo e oliveira.

O sector secundário é ainda pouco representativo, constituindo 33 por cento do emprego. Predominam as indústrias agro-alimentares, de transformação de hortícolas como o tomate, pimento e brócolos, produção de açúcar de beterraba, e ainda de transformação de produtos florestais como a madeira de eucalipto e a cortiça.

Por fim, o sector terciário mantém 42 por cento da população empregada, com predominância nos principais núcleos urbanos, e associado ao pequeno comércio.

Única Reserva da Biosfera em Portugal

Complementar e alternativo a este cenário, o património ambiental e cultural assume-se como potencialidade facilitadora do desenvolvimento turístico. No capítulo ambiental, a região conta com a Reserva Natural do Paúl do Boquilobo e Reserva Natural do Estuário do Tejo. Situado entre os rios Tejo e Almonda, ao longo de 554 hectares, o Boquilobo é a única Reserva da Biosfera existente em Portugal, estatuto concedido pela UNESCO em 1981, e possui a maior colónia de garças da Península Ibérica, além de se encontrar a gaivina-dos-paus, colhereiro, patos zarro, marrequinha ou real, arrabio, ou a rara águia-pesqueira. No Estuário do Tejo é acolhida cerca de 75 por cento da população europeia de alfaiate, além de populações de perna-longa, garça-vermelha, marrequinha, águia-sapeira, andorinha-do-mar-anã, flamingo, patos-reais, maçaricos, ou borelhos.

O cardápio da Região de Turismo do Ribatejo alarga-se a outras áreas, nomeadamente cultura e arquitectura. Almeirim, outrora apelidada de "Sintra de Inverno", conserva a Igreja Paroquial de São João Baptista, Igreja Matriz, Quinta da Alorna e Palácio de "O Casal Branco". Salvaterra de Magos é reconhecida pelo carácter cortês do Palácio dos Duques de Cadaval ou pela Falcoaria do antigo Paço Real. Justifica-se a visita à Ermida de S. Brás, Convento de Jenicó e Palácio do Infantado, em Benavente, bem como uma passagem pela Ponte da Chamusca. As construções de carácter religioso estão também patentes em Coruche, nas igrejas de Nossa Senhora do Castelo, S. Pedro e Santo António, e na Golegã: Igreja da Misericórdia e Capela de S. José. Em Alpiarça, o concelho é marcado pela riqueza arqueológica de estações como Vale do Forno (Paleolítico acheulense), Barreiro do Tojal, Vale da Caqueira, Quinta do Outeiro, Vale da Atela, Barreira da Goux e Vale dos Extremos.

O investimento na salvaguarda da memória colectiva é uma aposta visível no território, de que são exemplos o Museu Etnográfico de Almeirim, a Casa Museu dos Patudos (antiga residência de José Relvas), em Alpiarça, e também o Museu Municipal de Benavente e o Núcleo Museológico Agrícola (edifício do antigo Matadouro Municipal), no mesmo concelho. Além do Museu Municipal de Coruche, ou dos museus Municipal de Fotografia Carlos Relvas e de Cultura e Escultura Martins Correia, ambos na Golegã.

Zona de Intervenção LEADER+



A par da dinâmica museológica, procura-se manter o saber-fazer tradicional. Tanoaria, latoaria, brinquedos de madeira, cestaria, colheres de pau, trabalhos em ferro forjado e madeira, pintura em vidro, rendas, talha, tapeçaria, trapologia, cestaria em vime, gulosas e esteirinhas de junco ou correntes de seda de cavalo, são alguns exemplos mais emblemáticos. Sem esquecer a gastronomia, conhecida pela sopa de pedra de Almeirim, complementada pela massa à barrão, enguias fritas, carneiro à moda de Alpiarça, miga fervida, sopa da Matança, ou molhinhos grelhados, além das broas, ferraduras, pão-de-ló, trouxas de ovos, peixe doce, queijinhos de amêndoa, ou lampreia de ovos. E os vinhos com denominação de origem, de Almeirim (engloba concelho de Alpiarça e parte de Salvaterra de Magos) e Coruche (parte de Salvaterra de Magos e Benavente). Para finalizar, é necessário mencionar as festas tradicionais, com grandes exposições nos jogos de cabrestos e na picaria à vara larga, espectáculos típicos desta região. Para quem prefira outras actividades, existe a procissão de S. Marcos e Nossa Senhora da Piedade (Carregueira, Chamusca), a Feira Medieval de Coruche ou a emblemática Feira Nacional do Cavalo (Golegã).

João Limão



Coruche / João Limão



Coruche / João Limão

Charneca

Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana



A Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana nasceu em Agosto de 1994, sob o designio de se candidatar ao Programa de Iniciativa Comunitária de Ligação Entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural - LEADER II

e sob o impulso de quatro associações, fundamentalmente agrícolas. Não começou, no entanto, do zero, herdando a experiência e a intervenção directa de "um dos técnicos mais antigos do Programa LEADER". António Xavier de Basto trazia na bagagem o conhecimento activo do LEADER I da APRODER (Associação para a Promoção do Desenvolvimento Rural do Ribatejo). Com a segunda edição do LEADER, e a extensão da intervenção a outras áreas do território (Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã, Salvaterra de Magos e uma freguesia de Torres Novas), "virgens" de Planos de Acção Local (PAL), as associações que constituem a Charneca avançam pela mão de Xavier de Basto para uma candidatura. "No LEADER II entrámos com um programa novo. Tentámos ajudar, nessa altura, o maior número possível de pessoas. Criámos uma determinação interna, que dizia que o máximo de comparticipação, era de 7 500 contos (37 409,84 euros) por projecto. Houve uma espécie de pulverização, com 153 projectos aprovados." Ainda no âmbito deste programa, a associação reservou uma verba no seu PAL para construir o Plano de Desenvolvimento Local (PDL) do LEADER+. Tentou "ouvir o máximo possível de pessoas", e juntou esses depoimentos a outras reflexões para chegar ao documento final, a estratégia para o território. Depois de uma miríade de projectos aprovados nos primeiros seis anos, a Charneca abordou o desenvolvimento do território a partir de um ângulo, definitivamente, mais económico. Subiu, substancialmente, a fasquia do investimento elegível (máximo: 200 000 euros), caindo para metade o número de projectos. Contas feitas, a Charneca tem até à data 88 projectos aprovados. O coordenador confessa com um certo pragmatismo, "se alguma poesia há na nossa actuação, é que estamos a trabalhar para o bem de todos."

Orgãos sociais

Assembleia-Geral: Presidente Eduardo Manuel Drummond de Oliveira Sousa (Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia | Vice-Presidente José Augusto Morais da Conceição Carrinho (Associação dos Agricultores do Pinheiro Grande) | Secretário Casimiro Figueiredo Vinagre Marques (Associação para Promoção Profissional dos Agricultores do Ribatejo) | Direcção Presidente Miguel António da Silveira Teles Branco (Associação de Produtos Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes | Vice-Presidente José Joaquim Lima Monteiro Andrade (Associação dos Agricultores do Ribatejo) | Vogal António Paulo Nogueira Xavier de Basto (Associação para o Desenvolvimento do Ribatejo) | Vogal Carlos Frederico Abecassis Amaral Neto (Associação dos Agricultores da Charneca) | Vogal Alfredo Augusto Maia Alves Orvalho (União de Agricultores do Norte do Vale do Tejo) | Conselho Fiscal Presidente Emídio Leão Martins de Araújo (Associação dos Agricultores de Coruche e Vale do Sorraia) | Secretário Vasco Manuel Cid Neves e Castro (Associação dos Agricultores da Chamusca) | Vogal António José Soares Albergaria Henriques da Silva (Associação dos Jovens Agricultores de Coruche)

Associados / Parceria LEADER+ (GAL)

ADER - Associação para o Desenvolvimento do Ribatejo; APFCCCL - Associação dos Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes; AAC - Associação dos Agricultores da Charneca; AJACC - Associação dos Jovens Agricultores do Concelho de Coruche; AACVS - Associação dos Agricultores de Coruche e Vale do Sorraia; AAR - Associação dos Agricultores do Ribatejo; ACHAR - Associação dos Criadores de Ovinos e Caprinos do Ribatejo e Oeste; Adega Cooperativa da Chamusca; AGROMAIS - Entreponto Comercial Agrícola, S.A.R.L.; AGROTEJO - União Agrícola do Norte do Vale do Tejo; AJAC - Associação dos Jovens Agricultores de Coruche; ARBVS - Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia; Associação dos Agricultores dos Riachos; Câmara Municipal da Chamusca; Junta de Freguesia de S.José da Lamarosa; PAR - Associação para a Promoção Profissional dos Agricultores do Ribatejo

De facto, aqueles projectos são apenas a ponta visível do icebergue, a parte submersa, que confere sustentabilidade e solidez ao projecto da associação, encontra-se no número impressionante de empresas e trabalhadores. "O nosso objectivo no PDL inicial, apontava para a criação de 20 novas empresas e 100 novos postos de trabalho. Nesta altura, contamos com 141 postos de trabalho e 27 empresas. Excedemos o objectivo."

O caminho traçado pela Charneca não passa só por dar condições às pessoas para permanecerem no território, mas também por prepará-lo para acolher novas populações, nomeadamente, da metrópole. O tempo do projecto fechado, que se esgotava em si próprio passou. "O objectivo não é criar mais (infra)estruturas, é criar estruturas de emprego. Precisamos todos de um emprego, de um rendimento." Dentro da lógica de criação de actividade económica e para sustentar a estratégia da forma mais equilibrada possível num território do tamanho de 32 freguesias (excluindo os perímetros de três freguesias sede) de sete concelhos, os projectos são majorados "segundo quatro critérios: zona desfavorecida, criação líquida de emprego, nova empresa e investimento total". Finalmente, "a" aposta económico-empresarial para o território e associação, é a animação em espaço rural. Os trunfos são: o cavalo e, complementarmente, o toiro e os grandes espaços. "A nossa aposta máxima é no cavalo. Uma campanha bem direccionada em torno do cavalo, leva grande parte dos portugueses a vir montar uma primeira vez. Não acredito que haja alguém que não goste de uma primeira experiência." Dentro da mesma orientação estratégica, os olhos postos no futuro e os pés assentes no presente, Xavier de Basto anuncia para breve o desenvolvimento de um projecto de cooperação interterritorial de concepção e organização de pacotes temáticos de oferta turística.

Charneca

Rua 5 de Outubro - Edifício da Associação de Regantes
2100 Coruche

Telefone: 243 619060/1 | Fax: 243 619062

E-mail: charneca@mail.telepac.pt | Site: www.charneca.com

Equipa Técnica do GAL



António Xavier de Basto
Coordenador

Em 1965 António Xavier de Basto tem 18 anos, o curso médio de engenheiro técnico agrário no bolso e muita ambição. Parte para Moçambique para estagiar e no espaço de alguns anos torna-se num empresário de sucesso. Em 1976 regressa com a família a Portugal "à estaca zero". Já enquanto funcionário do Ministério da Agricultura, é destacado, a pedido de associações de agricultores do Ribatejo. Depois vem a experiência pioneira LEADER na APRODER, onde Xavier de Basto é responsável pela candidatura desta associação em 1991. Com o LEADER II surge a oportunidade de investir num novo projecto para um território em déficit de desenvolvimento. Nas palavras do também director executivo, "a Charneca representa um interesse generalizado para que haja uma sociedade de desenvolvimento *lato sensu* da nossa região", enquanto que o actual LEADER, ou sobretudo o passado, "era um projecto da sociedade civil" e acrescenta "era a última grande esperança de quem vive em espaço rural". Ele, Xavier de Basto, qualifica-se como um entusiasta do trabalho que desenvolve pelas pessoas e pela região.



Maria Lopes Aleixo
Técnica e administrativa

Natural de Coruche, Maria Aleixo, 34 anos, tem um bacharelato em Engenharia Técnica Agrícola tirado em Castelo Branco. Está na Charneca, há oito anos, desde o estágio final do curso. Trabalha na sede da associação em Coruche e tem a seu cargo os concelhos de Coruche, Salvaterra de Magos e Benavente. "Eu faço um trabalho de acompanhamento de projectos, estou em contacto com as pessoas no campo, na natureza. Também faço feiras onde são promovidos os projectos e os produtos que acompanho." A um nível mais pessoal e também enquanto ribatejana, Maria destaca o cavalo. "Sou uma grande 'aficionada'. Desde pequenina monto a cavalo, gosto de tudo o que seja animação com cavalos". Olhando para trás, para o trabalho feito, Maria Aleixo admite sem complexos, "temos feito um enorme esforço para poupar em tudo e mais alguma coisa, para darmos o mais de nós."



Carla Xavier de Basto
Técnica

Carla Xavier de Basto tem 32 anos, é natural de Moçambique e licenciada em Gestão de Recursos Humanos do ISLA de Santarém. Ainda andava a estudar quando começou como administrativa na sede da Charneca em Coruche em 1997. Hoje é técnica de acompanhamento, trabalha, concretamente, na Golegã e é responsável pelos concelhos da Golegã, Chamusca, Almeirim e Alpiarça. Pessoalmente considera "estimulante ver as pessoas a crescerem, a criarem o próprio emprego" graças ao apoio LEADER. Na opinião da Carla "se não houvesse a Charneca muitas pessoas sairiam desta zona e iriam arranjar emprego para Lisboa".

PDL LEADER+

Valorizar os recursos naturais e culturais

"Tendo como denominador comum a valorização do património cultural e rural, com o cavalo como tema forte, e a informática e o @learning como elementos essenciais à ligação, implementação e dinamização das Rotas da Charneca (circuitos ambiente-paisagísticos) - indispensáveis na estratégia de desenvolvimento para as zonas mais interiores da área de intervenção das populações com o mundo e a aprendizagem a distância - eis, em síntese, os objectivos estratégicos do PDL da Charneca para um mais harmonioso e acelerado desenvolvimento para a sua área de intervenção." (Charneca Ribatejana, Descrição Sumária do PDL LEADER+ - Coruche) Apesar do Plano destacar o Cavalo, o Turismo, o Interior, a Informática, o apoio ao empreendedorismo é transversal. Segundo o coordenador da Charneca, "o nosso PDL é *sui generis*, 89 por cento da verba foi dedicada à actividade produtiva, apoiamos todos os projectos que criem empresas, empregos e não prejudiquem as empresas instaladas e que trabalhem bem. Queremos empresas que correspondam a necessidades sentidas pelas populações ou pelo território. É uma aposta diversificada na actividade económica." E sobretudo, planeada, principalmente, quando há que discriminar positivamente projectos oriundos de zonas

mais desfavorecidas do território, projectos com um maior capital inicial, projectos que criem empresas e novos postos de trabalho. A associação assume à letra o domínio de intervenção do LEADER, a economia rural. António Xavier de Basto afirma, "emprego e trabalhadores é o que nós queremos, atrás disso virá todo o resto." Nesta ordem de ideias, importa sublinhar que esta associação só avaliou duas candidaturas de autarquias. Por um lado, o coordenador argumenta que estas estruturas beneficiam de fundos próprios, e por outro, como a Charneca apoia a criação de actividades económicas, estas "pagam impostos, que beneficiam as câmaras". A Charneca é dona de um capital inegável de conhecimento do território e da população dos sete concelhos: pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades. Daí esta pequena equipa trabalhar por objectivos, com um denominador comum: inverter as tendências negativas que caracterizam a evolução do interior. De acordo com dados da associação, até 13 de Maio de 2005, num investimento total da ordem dos 6 475 751 euros, o GAL aprovou 88 projectos no Vector 1, somando um investimento aplicado de 4 580 000 euros.

Textos de Maria do Rosário Aranha

Um fim-de-semana na Charneca Ribatejana

Um mundo genuíno às portas da metrópole

Na margem esquerda do Tejo, a poucos quilómetros da grande metrópole, o território da Charneca oferece uma grande diversidade de motivos de interesse para uma deslocação – as cores e a diversidade da paisagem, o património cultural, a gastronomia, o artesanato, a festa brava e os cavalos. E porque os cavalos são a marca mais forte do território, importa que mesmo num fim-de-semana se aproveite a oportunidade para uma iniciação ou para a prática da equitação.

Começar o passeio por Coruche pode ser a opção. Espreada ao longo da margem direita do Sorraia, a povoação desdobra-se desde a colina da Senhora do Castelo. Lá de cima, a panorâmica da Charneca permite ver longe. Dos lados do Alentejo estendem-se os montados que fazem da cortiça uma das maiores riquezas da região. Ao longo do rio, porém, o verde é quase obsessivo e, na época própria, as manchas de arrozais emprestam um colorido único à região. Para quem se interessa pela pesca e pela calma, o Sorraia é um rio pródigo, conhecido internacionalmente. Para quem, mesmo no ambiente bucólico, não dispensa a adrenalina, até pode tentar a prática de sky aquático, recentemente introduzida na zona.

Mas ninguém ficará indiferente à harmonia e simplicidade da arquitectura das pequenas povoações da Charneca. Alguém se referiu a elas como a "monotonia do branco". Mas não é monotonia, somente simplicidade e harmonia. Um branco salpicado dos azuis, amarelos e ocres.

Não se esqueça que está numa terra de vinhos, com regiões demarcadas em Almeirim, Chamusca e Coruche. E que um bom vinho acompanha sempre uma boa refeição. Não lhe faltarão ocasiões para se confrontar com os sabores do Ribatejo e não perca a famosa sopa de pedra, transformada em ex-libris gastronómico de Almeirim.

Em Almeirim pode passar pela Quinta de Alorna. Tem uma loja aberta todos os dias da semana onde pode comprar os vinhos e os produtos regionais ali produzidos. E pode perceber a riqueza e a tradição de uma casa agrícola com pergaminhos desde 1723. Ir a Alpiarça torna obrigatória uma passagem pela Casa Museu dos Patudos, mandada construir por José Relvas, o conhecido político republicano. Fruto do risco do arquitecto Raul Lino, a Casa Museu possui um valiosíssimo recheio onde a pintura e a música marcam um destaque especial. José Malhoa é um dos pintores mais significativos da casa.

Às vezes, onde menos se espera, surge uma pequena jóia que não se deve perder. Discreta, na rua José Relvas, irá encontrar a Tintas & Letras, uma livraria e galeria, moderna e cuidada, uma homenagem à cultura. Um espaço cuidadosamente decorado, com livraria no rés-do-chão e galeria de pintura no andar superior, responsável também por actividades de animação. Perca-se por entre os livros e as pinturas e fique, como eu, com vontade de voltar, muitas vezes.

O Centro Regional de Artesanato da Chamusca é uma óptima introdução aos valores culturais da região. Fronteiro ao edifício da Câmara Municipal, abrange ao longo do pátio interior um conjunto de valências que vão da informação turística, à degustação dos produtos regionais ou à montra de artesanato, com ateliés de artesãos ao vivo onde se pode verificar o fabrico das próprias peças.

A caminho da Golegã impressione-se com a ponte de ferro, nos seus 780 metros, construída nos finais do século XIX na escola de Eiffel e testemunho do esforço de desbravamento do "fontismo". Na Golegã, todas as referências vão dar ao cavalo. Designada como capital do cavalo, ali encontra todas as infraestruturas para a prática da equitação. Da iniciação aos estágios, qualquer um pode ter acesso a sessões de equitação tradicional, desportiva ou de obstáculos ou então aos percursos equestres que o confrontam com o património e a cultura da região. A ANTE, associação nacional de turismo equestre é porventura a melhor referência para os interessados.

No recentemente criado Equuspolis pode encontrar um leque variado de entretenimentos, desde o Equus Virtual - cinema a três dimensões, galeria de arte, biblioteca temática, espaço Internet e mesmo parque radical e parque infantil. Um espaço moderno e agradável, recheado de verde e contíguo à água.

Mas não perca na Golegã o Museu da Fotografia Carlos Relvas e o espaço único que representa o seu estúdio fotográfico, construído na última metade do século XIX. Essencial para a percepção da fotografia em Portugal, o Museu é uma referência a nível mundial, que não deve ser esquecido.

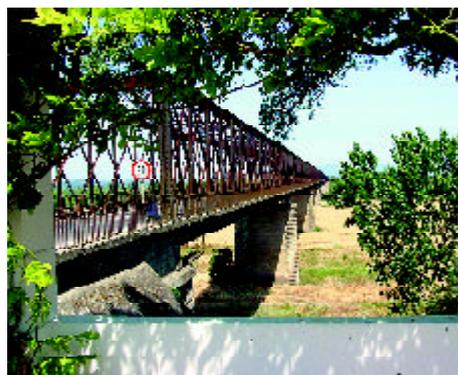
Finalmente e se aprecia a natureza, não perca uma visita ao Paul do Boquilobo, reserva natural da biosfera da UNESCO, um paraíso para as aves de migração e um espaço paradisíaco atravessado pelo Almonda.

Proponho-lhe que guarde para a última refeição uma visita à Taberna da Rita, cozinha regional, no concelho da Chamusca. Tudo se conjuga harmoniosamente naquele espaço. A arquitectura local e a colocação das salas de refeição nas diversas dependências da casa. O pátio interior, luminoso e percorrido de buganvillas. A cozinha, cuidada e respeitadora dos sabores regionais. Uma última homenagem aos valores simples e genuínos da Charneca.

Francisco Botelho



Caveira Golegã / Francisco Botelho



Ponte da Chamusca / Francisco Botelho

para dormir

- ANTE** - Associação Nacional de Turismo Equestre
Golegã
Tel: 249 976 689
- QNTA** Quinta da Azervada
Coruche
Tel: 964 744 851 / www.azervada.com
- QNTA** Quinta do Lagar
Carregueira - Chamusca
Tel: 962 993 298
- QNTA** Quinta Mato Miranda
Mato Miranda - Azinhaga
Tel: 917 268 358

para comer

- Casa da Emilia**
Alpiarça
Tel: 243 556 316
- O Farnel**
Coruche
Tel: 243 675 038
- O Toucinho**
Almeirim
Tel: 243 592 237
- Restaurante "Casita d'Avó"**
Golegã
Tel: 249 976 970
- Restaurante "O Lagar"**
Samora Correia
Tel: 263 655 594 / E-mail: info@o-lagar.com
- Restaurante Branco & Preto**
Salvaterra de Magos
Tel: 263 507 858
- Restaurante Lusitanus**
Golegã
Tel: 249 977 572
- Restaurante o Zé do Moinho**
Salvaterra de Magos
Tel: 263 507 330
- Restaurante Trinitá**
Santo Estevão - Benavente
Tel: 263 949 811
- Sal & Brasas**
Coruche
Tel: 243 618 319
- Taberna da Rita**
Pinheiro Grande - Chamusca
Tel: 249 740 001

para visitar

- Rota da Vinha e do Vinho
- QNTA** Alecrim aos molhos (Coruche)
- QNTA** Centro Regional de Artesanato (Chamusca)
- QNTA** Companhia das Lezírias (Samora Correia)
- QNTA** Equuspolis (Golegã)
- QNTA** O Cantar de Galo (Coruche)
- QNTA** Quinta do Lagar - Quinta Pedagógica (Carregueira)

para levar

- Crivos, lanoaria, latoaria e sapataria (Almeirim)
- Trapologia, cestaria de vime (Alpiarça)
- Miniaturas de madeira, esteirinhas de junco (Benavente)
- Ferro forjado, pintura em cerâmica (Chamusca)
- Trabalhos de cortiça, tecelagem, cestaria, olaria e correaria (Coruche)
- Bonecas de trapo, cerâmica artística, correaria, traje português (Golegã)
- Bordados, olaria e cestaria (Salvaterra de Magos)

Tradições equestres na Península de Setúbal

Alcochete, Moita e Montijo são concelhos da Península de Setúbal, cuja cultura e exaltação do touro, do cavalo e do campino estão bastante ligadas à região do Ribatejo. A influência equestre enriquece a identidade destes três concelhos e constitui um forte motivo para os visitar.

Terra de campinos e cavalos, Alcochete tem uma forte ligação à criação de gado que se reflecte nas festividades e na prática da tauromaquia. A Herdade da Barroca d'Alva e a Quinta da Praia das Fontes são duas unidades de turismo equestre com elevada tradição neste concelho. A primeira, junto à Reserva Natural do Estuário do Tejo, dispõe de diversas infra-estruturas para a realização de provas equestres (boxes, tentadeiro, picadeiro, pistas de *cross* e obstáculos) e organiza exposições equestres (*raids*, concursos hipicos e concursos completos de equitação). Dedicando-se exclusivamente à criação do cavalo Lusitano, esta unidade oferece aos seus visitantes a possibilidade de acompanhar livremente o dia-a-dia da coudelaria. A Quinta da Praia das Fontes, antigo aposento real, oferece momentos únicos de descontração para longos passeios a cavalo, proporcionando uma experiência bastante próxima e de profundo conhecimento com este animal.

Ao nível das festividades, destacam-se as Festas do Barrete Verde e das Salinas e a Feira do Cavalo. As primeiras, instituídas em 1940, têm início dois dias antes do segundo Domingo do mês de Agosto, e são consagradas aos forcados, aos campinos e aos salineiros. Um dos pontos altos é a festa brava, que inclui a feira Taurina, esperas e largadas de touros diurnas e nocturnas, centradas no culto do cavalo e no espectáculo do touro. Organizada pela Associação Equestre de Alcochete, desde 1922, a Feira do Cavalo decorre na primeira semana de Maio. Um dos grandes momentos é o Cortejo Marialva, onde se enaltecem os tradicionais fatos equestres. Nas provas de salto pode-se deslumbrar a inigualável elegância do cavalo Lusitano, a sua capacidade de interpretação e demonstração de inteligência e o soberbo porte. Durante a feira, as ruas de Alcochete enchem-se de brilho e elegância, fazendo lembrar mercados do passado de uma cidade onde as tradições culturais são preservadas com muito orgulho pelo seus habitantes.

No Montijo, a tradição equestre remonta à Idade Média, encontrando-se fortemente ligada à lide dos touros e à arte equestre. Também neste concelho é possível assistir a diversos eventos onde o cavalo assume um papel de destaque, nomeadamente nas Festas Populares de S. Pedro, que decorrem na última semana de Junho, e nas corridas de toiros, que se realizam durante a temporada tauromáquica. Nas Festas de S. Pedro, o cortejo de marialva é um momento muito aguardado e apreciado pela população e visitantes, devido ao colorido desfile de atrelagem e cavaleiros vestidos a rigor, e ao gosto pela exibição das tradições tauromáquicas que juntam a nobreza do cavalo à galhardia do cavaleiro. A amazona é o contraponto feminino neste cortejo marialva. Nas largadas de toiros, mantém-se a tradição da recolha, com campinos e cabrestos. Os campinos envergando o seu traje verde e vermelho, seguem montados no seu cavalo, conduzindo o touro até à Praça onde fica até à próxima largada.



A presença tauromáquica e a exaltação do cavalo, aliado à outrora vida marcadamente rural, reflecte-se também no artesanato – correaria. Hoje em dia, as carroças deram lugar aos carros e esta arte subsiste para o mercado do cavalo de montar.

O concelho da Moita tem igualmente uma riquíssima tradição relacionada com a festa brava, contando com um programa repleto de eventos dirigido não exclusivamente ao público mais especializado, mas também a todos os curiosos e simpatizantes da nobreza do cavalo, designadamente a Feira Equestre da Moita (realizada em Julho) e a Romaria a Cavalo de Moita a Viana do Castelo. Uma tradição que apresentava inicialmente um carácter essencialmente religioso, fazendo deslocar centenas de agricultores com os seus animais a Viana do Alentejo para que fossem benzidos durante a procissão em honra de Nossa Sr.^a D' Aires (padroeira dos animais), e que foi retomada em 2000, realizando-se desde então todos os anos, seguindo um trajecto de 150 km, por quintas e caminhos de terra batida, que correspondem à antiga Canada Real, procurando valorizar e preservar a tradição e identidade rural do concelho.

Tendo vindo a perder a importância que assumia outrora nestes concelhos, a arte equestre é hoje valorizada como meio de preservar a identidade cultural do território, nomeadamente através da organização de eventos festivos de culto e exaltação dos campinos e do cavalo.

ADREPES

Herdade Barroca d'Alva
Barroca de Alva - Alcochete
Tel.: 212 309 160
www.barrocadaalva.com

Quinta da Praia das Fontes
Largo do Marquês dos Soydos - Alcochete
Tel.: 212 340 191
www.quintapraiafontes.com.pt

Passear a cavalo na Serra da Estrela

Desde 1987 que os cavalos fazem parte do calendário desportivo e cultural de Gouveia. Primeiro com o Festival Hípico de Gouveia, depois com o Concurso de Saltos Nacional de Gouveia (que contou com o apoio do Programa LEADER/Adruse - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela) e o *Raid* Hípico de Gouveia. Actividades promovidas e organizadas pelo Centro Hípico de Gouveia que, ao longo de quase vinte anos, "tem cultivado e desenvolvido o gosto pelo hipismo em prol do desenvolvimento do concelho de Gouveia e da região".

Membro da Federação Equestre Portuguesa, o Centro Hípico de Gouveia pretende fomentar o ensino da equitação aos jovens. Uma das grandes

apostas é a escola de equitação. Fundada em 1995, esta escola é actualmente frequentada por cerca de trinta alunos nas categorias de Iniciados, Juvenis, Juniores e Seniores. Outra aposta é continuar a colaborar com o Desporto Equestre Nacional na organização de eventos, como o Concurso Nacional de Saltos, ou o *Raid* Hípico e os Passeios a Cavalo, uma forma diferente de divulgar, conhecer e promover as belezas paisagísticas da Serra da Estrela.

ADRUSE

Coudelaria de Alter

É a mais antiga e notável coudelaria portuguesa e é também, no mundo, a que funciona há mais tempo no lugar de origem. Após um breve apogeu, a história da Coudelaria de Alter é de desventuras, instabilidade e continuidade difícil. Desde 1996, o caminho faz-se na perspectiva do cavalo mas também do desenvolvimento da região.



Paulo Matos dos Santos

Na Coudelaria de Alter o ambiente é de trabalho e renovação. A empreitada dura há quase 10 anos. As obras começaram logo após a integração da Coudelaria no Serviço Nacional Coudélico (SNC), em 1996. Das antigas construções, do século XVIII, já quase nada resta: tudo foi substituído ou adaptado, de modo a colmatar carências de infraestruturas e serviços.

Fundada em 1748, por D. João V, a Coudelaria de Alter é criada com o objectivo de melhorar a criação cavalar nacional e, consequentemente, criar coudelarias que permitiam o desenvolvimento da arte equestre em Portugal. A instalação de uma dessas coudelarias acontece na Coutada do Arneiro, em Alter do Chão, no Alto Alentejo, escolhida pelos seus belos pastos, extensa área e localização. Revela a história que em 1770 é arrendada pela Casa Ducal de Bragança à Casa Real Portuguesa, mantendo-se nessa situação até à implantação da República. Entre 1910 e 1941 é coudelaria militar, integrada no Ministério da Guerra, e no ano de 1942 passa para a tutela do Ministério da Economia, que a transforma em Estação de Fomento Pecuário, com vista ao melhoramento e boas práticas de manejo das espécies pecuárias. Em 1996, após algumas ameaças de privatização, o SNC (serviço central do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas) estabelece sede na Coudelaria de Alter, e dá-se o arranque de uma nova etapa. O ano seguinte marca o início do projecto de revitalização da Coudelaria.

O Programa de Desenvolvimento Integrado da Coudelaria de Alter (1997-2002) corresponde à remodelação e reconversão dos edifícios existentes, adaptando-os a novas funções, mas também à preservação e divulgação da equinicultura nacional e ao desenvolvimento da região. Um programa fortemente concretizado através dos fundos comunitários disponíveis nos QCA (Quadros Comunitários de

Apoio) II e III. Sendo Alter do Chão um dos concelhos da zona de intervenção da LEADERSOR - Associação para o Desenvolvimento Rural Integrado do Sor, no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER, a Coudelaria beneficiou igualmente deste programa. De acordo com a associação, o LEADER II apoiou a aquisição de equipamentos para a Escola Profissional (que ali funciona) e a realização e uma prova internacional do Concurso Completo de Equitação, integrada nas comemorações dos 250 anos da Coudelaria de Alter, em 1998; o LEADER+ financiou a deslocação aos jogos mundiais equestres em Jerez de da Frontera, em 2002.

Como sublinha o então e actual director do SNC e da Coudelaria de Alter, João Costa Ferreira, "o plano de intervenção visava não só reabilitar a coudelaria na sua vertente coudélica, isto é, tudo o que é próprio do cavalo, como contrariar o fenómeno da desertificação, muito acentuado na região".

Recuperar para valorizar e atrair visitantes

A recuperação das instalações era indispensável e urgente, por isso, explica João Costa Ferreira, um conjunto de iniciativas passou pela recuperação e reconversão dos edifícios existentes (alguns abandonados e em ruínas), mas "tudo o que trouxesse mais postos de trabalho para a Coudelaria e estivesse ligado ao cavalo seria muito bem vindo". Tendo sido um dos principais empregadores da região nas décadas de 60-70, "senão o principal", afirma João Costa Ferreira, com cerca de 300 trabalhadores, procurou-se, através do cavalo, criar postos de trabalho, directos e indirectos. O que se conseguiu, desenvolvendo um conjunto de actividades ligadas ao cavalo, quer na sua utilização prática, quer no seu estudo: a Escola Profissional Agrícola de Alter do Chão é ali instalada em 1996. Hoje em dia, a Coudelaria de Alter conta com 40 funcionários, num total de 120 postos de trabalho.

Assim, dos aviários fizeram-se salas de aula, de um ovil o Clube Equestre, de uma ala abandonada das "Casas Altas" o Centro de Recepção e Interpretação da Coudelaria, que integra o museu e a galeria de exposições, e foi criada a Falcoaria. Um espaço onde, a par da recriação das antigas técnicas da falcoaria - feita a cavalo - se fomenta a reprodução de falcões em cativeiro, colocando-os também ao serviço da educação ambiental, o que atrai muitos visitantes. Entre as intervenções em curso, João Costa Ferreira salienta a reconversão do antigo lagar de azeite num local de promoção e venda de produtos regionais e enoteca (a abrir este Verão), e a transformação de uma instalação pecuária em Pousada (ainda em projecto).

Não sendo a animação turística a vocação da Coudelaria, o crescimento significativo do número de visitantes - actualmente cerca de 30 mil por ano - levou, como diz João Costa Ferreira, a transformá-la num local atraente. Além da criação e adaptação de estruturas existentes para acolher actividades culturais e de lazer, aposta-se

igualmente na construção de um novo picadeiro, um redondel e bancadas do terreiro principal, assim como novas cavalariças. Recorrendo a soluções e materiais tradicionais idênticos aos existentes, a preocupação tem sido melhorar a qualidade da construção e do desenho, reforçando a imagem que caracteriza a Coudelaria.

Cavalos Lusitanos brilham na Coudelaria e não só...

Hoje, como no passado, os cavalos da Coudelaria de Alter continuam a brilhar... Na Escola Portuguesa da Arte Equestre (no Palácio de Queluz), que trabalha exclusivamente com cavalos Lusitanos criados em Alter. Na própria Coudelaria, através das muitas actividades hípias desportivas que ali têm lugar. Sendo a divulgação e fomento do desporto equestre, nas suas várias vertentes, um dos objectivos da Coudelaria de Alter, esta encontra-se equipada com pistas para a realização de diversas provas nacionais e internacionais, dos diferentes níveis de competição. Infraestruturas que, sublinha o seu director, "permitem realizar um quantos eventos ao longo de todo o ano". Os cavalos justificam, porém, por si só, uma visita à Coudelaria de Alter. Como adianta João Costa Ferreira, o dia-a-dia da Coudelaria, a possibilidade de conhecer a história d' "O Homem e o cavalo", as suas técnicas de produção e selecção são razões suficientes para atrair visitantes. "Só o facto de ver entrar e sair as éguas da cavalariça é um espectáculo bonito que as pessoas gostam de ver", revela o director da Coudelaria de Alter, explicando que as éguas dormem em campo aberto embora passem todos os dias pela cavalariça. Isto porque, para lá do espectáculo, o facto encerra todo o trabalho de selecção e melhoramento da raça levado a cabo pela Coudelaria. Contando actualmente com um efectivo de 60 éguas Alter Real, a Coudelaria de Alter conta, de acordo com João Costa Ferreira, com

aproximadamente 300 equinos, entre Lusitanos, Alter Real, Sorraia e alguns Prevalski, ao abrigo de um programa científico desenvolvido com a Mongólia.

O número de éguas está estabilizado, uma vez que, como diz João Costa Ferreira, estas "têm como única e exclusiva função procriar". Até aos três anos de idade, os animais ficam entregues a si próprios, no potril (em campo aberto), e só então é que se voltam a juntar ao homem. Segue-se o desbaste e o ensino, durante um ano. É então que se procede à selecção: as melhores éguas integram a égua e os ganhões mais nobres seguem para a Escola Portuguesa de Arte Equestre. Em qualquer dos casos, a entrada de um animal obriga à saída de outro. Os melhores ganhões daquela escola são usados como reprodutores. E assim, afirma João Costa Ferreira, "vamos melhorando o efectivo, acreditando sempre que as novas gerações são melhores que as anteriores". Os restantes animais são distribuídos por outras utilizações (atrelagem, por exemplo) e alguns são vendidos no leilão anual que se realiza a 24 de Abril na Coudelaria de Alter. Um elevado controlo da função reprodutiva para o qual o SNC criou na Coudelaria de Alter um Centro de Desbaste e Testagem, uma Unidade de Obstetria e um Laboratório de Genética Molecular. Este último assume particular importância, dado que aqui se procede, desde 1998, ao controlo de filiação e identificação, com recurso a testes de DNA, mecanismo necessário à garantia de fidedignidade das genealogias a inscrever no Registo Nacional de Equinos e nos respectivos *Stud-books*. Este laboratório trabalha com todos os países onde é criado o cavalo Lusitano (Brasil e México, sobretudo), recebendo amostras de sangue para análise, o que lhe permitirá, em breve, ter um banco de DNA com todo o efectivo populacional da raça Lusitana.

Dois séculos e meio após a sua fundação, a criação de cavalos Alter Real (uma das famílias que faz parte da raça Lusitana) continua a ser o eixo condutor da Coudelaria de Alter. Empenhado na reactivação da Coudelaria de Alter desde a primeira hora, João Costa Ferreira, acredita que a continuidade da Coudelaria como espaço dedicado à criação e promoção do cavalo está garantida. O ferro de Alter, o mais antigo de Portugal e do mundo, é um dos orgulhos da Coudelaria de Alter, diz João Costa Ferreira, acrescentando... "Além do valor simbólico e importância intrínseca, o ferro de Alter tem um valor acrescentado muito importante. É um ferro mais antigo que os EUA. Nenhum país tem a riqueza que nós temos aqui...", na Coudelaria de Alter.

Paula Matos dos Santos



Paula Matos dos Santos



Paula Matos dos Santos

Um cavalo e uma Serra pela frente



Pela graciosidade das suas cidades nas encostas e pelos seus campos pintados pelas cores das quatro estações do ano, a Cova da Beira é uma região com visíveis potencialidades turísticas, sendo o turismo um sector importante para o seu desenvolvimento harmonioso.

A Rude - Associação de Desenvolvimento Rural, atenta ao crescimento das actividades relacionadas com este sector, no

campo de acção de uma estratégia definida para a região da Cova da Beira, designadamente, na área da oferta de serviços de turismo em ambiente rural, aprovou, no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER+, um projecto de carácter inovador, designado "Passeios a Cavalo - Turismo". A intervenção neste projecto, promovido por João de Deus Henriques - Quinta da Moreirinha, na freguesia da Boidobra (concelho da Covilhã), teve como indicadores físicos o melhoramento dos serviços equestres turísticos, através da ampliação de um pavilhão já existente, a instalação de quatro boxes para cavalos e a construção de uma página na Internet (www.passeios-cavalo.com) para divulgação de uma actividade inovadora, atractiva e até terapêutica em meio rural.

Com a execução física deste projecto foram atingidos os principais objectivos propostos pelo promotor, designadamente, a implementação da actividade

turística de passeios a cavalo na Cova da Beira, praticamente inexistente nesta região, apesar de existirem indicadores da sua procura na ocupação turística de tempos livres, sobretudo pela camada mais jovem. O promotor estuda ainda a possibilidade de celebrar protocolos com diversos estabelecimentos de ensino, nomeadamente com a Universidade da Beira Interior, cuja finalidade é facilitar a aprendizagem dos valores inerentes às actividades equestres.

O promotor, cuja ligação aos cavalos é muito forte, descreve assim a experiência no seu site: "Depois de mais de trinta anos a lidar com cavalos na capital, onde somos limitados ao uso de picadeiros cobertos, surge a possibilidade de nos radicarmos na zona rural do concelho da Covilhã. Os passeios a cavalo são para nós, mesmo com toda a nossa experiência, uma agradável surpresa. É uma perspectiva diferente. Nestas condições, o cavalo e o cavaleiro tornam-se pela dependência mútua amigos e companheiros. O nosso respeito e admiração por este animal 'humanizou-se'. A aquisição da Quinta da Moreirinha e a sua proximidade da Covilhã foram factores decisivos para iniciarmos esta actividade."

João de Deus Henriques criou mesmo um *slogan* para a sua actividade "Um cavalo e uma Serra pela frente", o que resume bem a interligação do animal com o território onde se desenvolvem estas actividades, que assumem um papel fundamental na ocupação dos tempos livres da população local e dos turistas que visitam a Cova da Beira, em busca dos encantos desta região.

Rude

Passeios a cavalo no Pico

A ilha do Pico, além da oferta em percursos pedestres, reúne condições geográficas favoráveis para a prática do turismo equestre. Nesta ilha, no concelho das Lajes - o primeiro a ser povoado -, Piedade é uma freguesia muito frequentada no Verão devido não só às adegas (Manhenha, Ponta da Ilha, Porto do Calhau e Engrade), como também à existência de um percurso pedestre, classificado pela Direcção Regional do Turismo, Porto do Calhau - Manhenha, designado por 3 PIC e com 10 quilómetros de extensão, junto à costa.

Proporcionar momentos de lazer aos visitantes e à população local da ilha do Pico numa actividade até à data inexistente na ilha, foi o que levou a Adeliçor - Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores

a apoiar, através do Programa LEADER+, o projecto "Animação Turística - Aluguer de cavalos e casa de apoio".

O projecto consiste na ampliação e modernização de uma casa de campo situada na freguesia para servir de recepção, *briefing* e bebereite aos visitantes que pretendam fazer passeios a cavalo. O investimento visa ainda a criação de um posto de trabalho para apoio às cavalariças.

Além dos passeios a cavalo, este novo serviço na ilha do Pico oferece a possibilidade de passeios de charrete, acompanhados e guiados pela promotora do projecto.

Adeliçor

Actividades equestres nas Terras do Sousa

A tendência da diversificação da oferta associada ao turismo é actualmente muito relevante, uma vez que implica, no quadro da competição entre destinos turísticos, um crescente esforço de lançamento de novos produtos e da sua inovação. Uma realidade que obriga, cada vez mais, os diversos actores, públicos e privados, a empreender um esforço contínuo de investimento em vários domínios de suporte à referida diversificação na malha de ofertas do turismo, e que é, hoje, preocupação central na estratégia de desenvolvimento do turismo no Vale do Sousa.

Nas Terras do Sousa tem havido um forte incremento ao nível do alojamento TER - Turismo em Espaço Rural. No entanto, continua fraca a oferta ao nível das infra-estruturas de animação e restauração, assim como de organização de circuitos.

Nos últimos anos, a equitação tendo vindo a merecer lugar de destaque e interesse, revelando uma predisposição dos utentes no que concerne ao meio equestre, pelo que a concretização de iniciativas na área permitiu colmatar algumas lacunas neste contexto.

Existindo alguns centros hípicos espalhados pelo Vale do Sousa que podem ser utilizados por turistas e/ou alugados para actividades de animação e organização de passeios, a Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa, apoiou dois projectos que demonstram o esforço desta associação em apoiar infra-estruturas turísticas e de lazer que permitam continuar a desenvolver e a diversificar este sector.

Assim, e com o objectivo de divulgar a arte hípica, a Ader-Sousa apoiou ao abrigo do Programa LEADER I a adaptação de uma área da Quinta da Granja para funcionamento de um Centro Hípico/Escola de Equitação, baseando-se

este apoio no inegável interesse que a disponibilização de um serviço desta natureza significa para a animação turística da área, assumindo relevância particular numa perspectiva de rentabilização do investimento em alojamento turístico em meio rural onde se insere o Centro Hípico da Quinta da Granja. Posteriormente, e para satisfazer a procura deste tipo de instalações, no âmbito do Programa LEADER II, a associação apoiou a ampliação e a remodelação deste centro hípico, com o objectivo de aumentar a sua capacidade de "alojamento", assim como melhoramento das condições de funcionamento, construindo-se mais seis boxes para cavalos e um armazém.

A Ader-Sousa apoiou também o Centro Hípico da Casa do Souto, nomeadamente a construção de um tentadeiro (local destinado à assistência e de desportos equestres), melhoramento da pista de obstáculos através da sua drenagem e aquisição de mais obstáculos e o arranjo da zona envolvente do centro hípico. Uma vez que já existiam várias infra-estruturas relacionadas com o centro hípico a funcionar na Casa do Souto, foi objectivo do apoio do Programa LEADER complementar todo o empreendimento com mais algumas infra-estruturas tornando-o assim mais atractivo.

Com a concretização destes empreendimentos pretendeu-se criar novas infra-estruturas de apoio às unidades TER, prestando outro tipo de serviço, nomeadamente os relacionados com actividades equestres (aulas de equitação; cursos de Verão/férias; saltos de obstáculos; corridas; e passeios equestres), melhorando assim as condições de lazer e desportivas dos seus utentes, oferecendo-lhes uma vivência rural e uma quietude só possível de encontrar longe dos centros urbanos.

Ader-Sousa

IV CNA LEADER+

A IV reunião da Comissão Nacional de Acompanhamento (CNA) do LEADER+, que congrega cerca de uma centena de representantes de instituições ligadas à implementação do Programa, teve lugar em Bragança no passado dia 31 de Maio. Nas instalações da nova Biblioteca Municipal de Bragança foram analisadas a execução, gestão, avaliação intercalar, acções de acompanhamento e reserva de eficiência do LEADER+.

Saudando os participantes vindos de todos os pontos do país, o presidente da Câmara Municipal de Bragança, Jorge Nunes, proferiu as primeiras palavras da quarta reunião da CNA LEADER+. Dando nota do esforço de desenvolvimento levado a cabo pela cidade e pelo concelho nos últimos tempos, Jorge Nunes teve palavras de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no âmbito do Programa LEADER, manifestando a esperança na continuidade da sua intervenção e, sobretudo, na manutenção das equipas de apoio técnico constituídas, uma mais-valia para as regiões do Interior.

Após a leitura da acta da anterior reunião, alvo de alterações propostas pela representação da Comissão Europeia, foi feito o ponto de situação do Programa LEADER+ pelo respectivo chefe de Projecto LEADER+, Rui Batista. O panorama da Medida 4 foi alvo de especial atenção dada a disparidade de taxas de execução, num Programa que apresenta, para Janeiro de 2005, uma taxa de execução de 63 por cento.

O representante da Comissão Europeia, Fernando Fonseca, abordou as questões relativas aos Relatórios Anuais e aos Pedidos de Pagamento bem como aos condicionantes de eventuais pedidos de alteração ao Programa a remeter à Comissão Europeia, questões esclarecidas posteriormente pelo presidente do IDRHa (Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica) e gestor do LEADER+, Carlos Mattamouros Resende, que presidiu à reunião. Pedro Afonso Fernandes, do CIDEIC (Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos), responsável pela Avaliação Intercalar do Programa, falou sobre os objectivos, metodologia e calendário dos trabalhos de avaliação intercalar que se irão desenvolver até final do ano e que terão em linha de conta verificar se os objectivos fixados e as anteriores recomendações estão a ser aplicadas, assim como avaliar as condições e os resultados da aplicação de algumas especificidades LEADER em Portugal, com vista a apoiar a estruturação de futuros programas no novo período de programação.

Dando cumprimento ao Regulamento Comunitário, seguiu-se a apresentação do novo organigrama das autoridades de gestão e de pagamento do Programa, que passará a contar com uma Equipa de Apoio Técnico (EAT), uma Equipa de Controlo de 1º nível (EC) e uma equipa de certificação de despesas.

O chefe de Projecto LEADER+ deu conhecimento das acções de acompanhamento aos GAL (Grupos de Acção Local) e a projectos levados a cabo pela equipa técnica até final de 2004, chamando a especial atenção para as questões do processo decisório na atribuição dos financiamentos e para a fiabilidade dos dados de empregabilidade apresentados publicamente.

Finalmente, foram divulgados os critérios de atribuição da segunda tranche da reserva de eficiência e que tiveram em linha de conta a evolução da realização dos planos de desenvolvimento local; o efeito de multiplicação obtido, ou seja, a importância do investimento privado na realização dos investimentos e, por último, a evolução do desempenho relativamente à anterior distribuição da reserva.

Terminada a reunião, os participantes puderam confraternizar num almoço que possibilitou degustar os belíssimos produtos da região, bem como cimentar os laços da "família LEADER".

Durante a tarde houve ainda oportunidade para visitar as Arribas do Douro, no Douro Internacional, fazendo um percurso de cerca de duas horas no interior do rio com especial atenção aos pormenores ambientais do seu enquadramento. De notar que este trabalho de promoção turística e ambiental é um projecto de cooperação internacional entre Portugal e Espanha, envolvendo um leque muito vasto de instituições entre as quais universidades e tem uma componente dominante de formação ambiental sem descurar a fruição turística.

Depois de uma visita à cidade de Miranda do Douro e aos seus principais valores patrimoniais, os trabalhos desta IV CNA LEADER+ encerraram num jantar regional naquela cidade.



Francisco Botelho

Sim à Europa Rural

A Minha Terra integrando uma delegação da ELARD (*European LEADER Association for Rural Development*) participou na conferência organizada pelo Parlamento Europeu e pela Comissão Europeia sobre os contributos do desenvolvimento rural para a Estratégia de Lisboa e colaborou em várias iniciativas que originaram uma posição comum de diversas redes e movimentos rurais europeus. Dessa posição comum emergiu a declaração transcrita no texto que se segue.

Minha Terra

Sim à Europa Rural

Um investimento a longo prazo nas pessoas e na integração Europeia

Reunidos em Bruxelas a 13 e 14 de Junho, organizações da sociedade civil, redes LEADER e de desenvolvimento rural de 19 Estados-membros oferecem uma solução ao actual impasse sobre o futuro da Europa.

Enquanto a Europa está dividida entre contribuintes líquidos e beneficiários, defensores e críticos da PAC - Política Agrícola Comum e aqueles que estão a favor ou contra a Constituição, milhares de pessoas a trabalhar a nível local nas zonas rurais avançaram com propostas globais ao encontro dos três objectivos da estratégia de Lisboa: competitividade, coesão e sustentabilidade.

A Europa é, de facto, principalmente rural: as zonas rurais cobrem 90 por cento da superfície Europeia e abrangem a maior parte da sua população (57 por cento). A proposta apresentada pelas redes rurais - que representam uma grande parte destas pessoas - baseia-se numa abordagem de desenvolvimento rural integrado, iniciada e promovida pela Comissão. Esta abordagem beneficia todos os actores e sectores: comunidades rurais, agricultores, empresários, grupos ambientalistas, e as pessoas que dependem e beneficiam das zonas rurais - quer vivam no campo ou nas cidades.

Os métodos de desenvolvimento rural participativos, testados e aperfeiçoados pelo LEADER, mostraram que mobilizam a energia, a criatividade e os recursos do sector privado, assim como as populações locais, produzindo mais emprego e melhor ambiente a custos mais baixos do que muitos programas europeus tradicionais.

As parcerias que foram criadas em todos os países europeus, incluindo os novos Estados-membros, estão abertas a todos estes actores locais. Tiveram sucesso em todos os três eixos do Regulamento de Desenvolvimento Rural. As parcerias trouxeram o *marketing*, as novas tecnologias e a qualidade para benefício dos produtores e das muitas PME - Pequenas e Médias Empresas nas zonas rurais. As comunidades rurais encaram o ambiente mais como um recurso do que apenas como um custo. Arranjam maneira de tornar os complexos programas europeus muito mais acessíveis às populações locais. Este é um dos caminhos para que os cidadãos europeus se envolvam na construção do futuro da Europa.

As iniciativas e movimentos rurais de 19 países juntaram pela primeira vez para falar a uma só voz. Se a Europa quer realmente avançar para os objectivos da Estratégia de Lisboa, então deve apoiar-se no empenhamento e na experiência das parcerias rurais existentes e emergentes e, conjuntamente com os governos nacionais, deve investir mais no desenvolvimento rural integrado.

Francisco Botelho

VI Manifesta

Festa do desenvolvimento local

Gente de todo o país, envolvida em processos de desenvolvimento definidos e assumidos localmente, com uma forte participação das comunidades e dos actores locais, têm, de dois em dois anos, a oportunidade de se reunir e mostrar aos outros. Divulgando os seus valores, as suas realizações e, sobretudo, a sua esperança e empenho na construção de um mundo melhor.

Em época de crise a Manifesta é uma lufada de ar fresco. Porque o mundo do desenvolvimento local, mesmo que fora dos focos dos media, existe e funciona. É motor de transformação e prova que, com participação, com planeamento, com investimentos ajustados e com muita imaginação, é possível transformar e desenvolver.

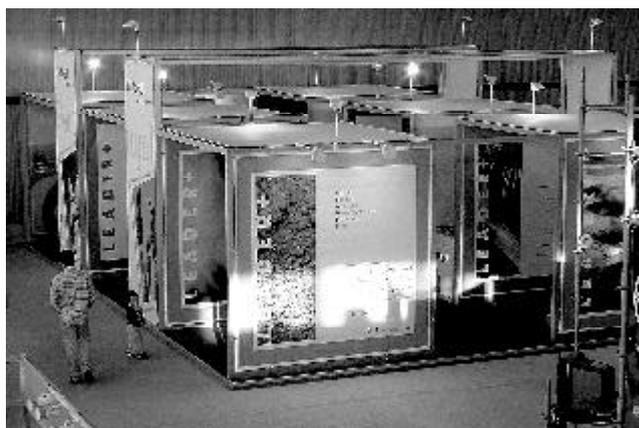
Entre 25 e 29 de Junho, na Aldeia Histórica de Trancoso, a festa fez-se em torno das pessoas. Com reflexão, introduzida pelos diversos ateliés: desenvolvimento rural, luta contra a pobreza, artesanato, exclusão social, património, orçamento participativo, participação cívica, escola, agricultura e floresta, cidadania, constituição europeia foram temas abordados. Com informação e contactos, introduzidos pelas seis dezenas de *stands* disponíveis e pelas muitas sessões de divulgação de projectos. Com animação variada – teatro, música, folclore, animação de rua...

E, sobretudo, com a discussão dos problemas que envolvem a intervenção dos diversos actores do Desenvolvimento Local. Um processo lançado regionalmente cerca de dois meses antes e que culminou numa grande Assembleia final, a 29 de Maio e o lançamento da Declaração de Trancoso.

Processo iniciado em Serpa

Resultado da parceria entre a Animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local e Raia Histórica - Associação de Desenvolvimento do Nordeste da Beira, como Entidade Promotora Local (EPL), com apoio da Câmara Municipal de Trancoso, a VI Manifesta é o culminar de um processo iniciado ainda durante a Manifesta de Serpa, em 2003.

Segundo José Sales Gomes, coordenador da Raia Histórica, a organização “cumpriu o processo normal, com uma candidatura à organização da Manifesta, e das candidaturas apresentadas esta foi a escolhida”. Para David Machado, presidente da Direcção da Animar, esta necessidade de “fazer a triagem das propostas que nos chegam” é mais um reflexo da vitalidade da



Francisco Botelho

iniciativa. Todas as Manifestas é apresentado “um concurso que tem uma base regulamentar e um caderno de encargos”, acrescenta.

A escolha da Raia Histórica e de Trancoso inseriu-se nesse processo, mas acaba por ser um feliz encontro com o desejo da Animar que, de acordo com David Machado, era “manter a Manifesta em locais de mais baixa densidade populacional e em locais onde o desenvolvimento rural tem expressão”. Uma perspectiva que combina com os desejos da EPL. Para o coordenador da Raia Histórica, a candidatura de Trancoso é a materialização de “uma vontade anímica que temos de fazer animação no nosso território”. Ao mesmo tempo, esta é também uma boa oportunidade para desenvolver o território e a cidade. “Fazemos a sua promoção e divulgação, mostramos o que há de bom, e como nós somos hospitaleiros e acolhedores”, acrescenta Sales Gomes, que embora satisfeito com o resultado do esforço organizativo, reconhece dificuldades na realização da Manifesta, uma vez que se trata de uma iniciativa “muito exigente na organização”.

David Machado também reconhece que é “uma candidatura bastante exigente”, a nível organizativo e financeiro. Numa estimativa média do conjunto das seis Manifestas realizadas, o investimento “andarà à volta de 50 a 60 mil contos (250 a 300 mil euros)”, revela, mas os custos “dependem muito das soluções encontradas”.

Apesar das dificuldades, o dirigente da Animar acredita que, ao fim de seis edições, a festa do desenvolvimento local “está a atingir a maioridade”. Um sentimento suportado pela crença de que “a Manifesta é a grande afirmação cívica de Portugal, onde há espaço para todas as organizações se afirmarem”. O reflexo desta afirmação do associativismo português, esteve patente em Trancoso, através das 60 entidades que marcaram presença nos stands da iniciativa, sem estarem contabilizadas as entidades que colaboraram na animação.

Número que se encaixa dentro das expectativas da organização, mas que poderia ter sido ultrapassado, caso a situação económica do país fosse outra. David Machado reconhece que “o momento que as organizações vivem não é o melhor”. Os “recursos são escassos”, também “há constrangimentos importantes à actividade” e as organizações fazem um “esforço muito grande” para vir à Manifesta. Uma opinião partilhada por José Sales Gomes, que também admite que “o movimento associativo está com algumas dificuldades de ordem financeira”.

Constrangimentos que valorizam ainda mais a participação das associações. Segundo David Machado, esta capacidade de empreendimento é um indicador de que “temos um movimento associativo muito rico, e temos em Portugal um capital social extremamente válido”.

Francisco Botelho e João Limão

Seminário Desenvolvimento Rural e Ambiente QCA sofre alterações

Redução global dos fundos da União Europeia (UE), aposta na áreas de competitividade e ambiente, integração total de fundos segundo um modelo nacional ou regional, e afirmação do LEADER como metodologia mais do que programa, são algumas ideias-chave do seminário “Desenvolvimento Rural e Ambiente”, que teve lugar no Auditório Multiusos da Manifesta, em Trancoso, no passado dia 26 de Maio.

Numa iniciativa organizada pelo IDRHa/Programa LEADER+, e que contou com a participação de Pedro Ribeiro (MADRP - Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas) e Lima Santos (ISA - Instituto Superior Agrário), com moderação do presidente do IDRHa, Carlos Mattamouros Resende, a temática ambiental rapidamente se deslocou para a questão financeira e perspectivas do próximo Quadro Comunitário de Apoio (QCA). De acordo com Pedro Ribeiro, a certeza é que a “globalidade dos fundos da UE vai baixar 15 por cento”, o que implica que os “fundos destinados ao desenvolvimento rural vão ser seguramente mais baixos que no QCA III”. Mas, as principais mudanças são ao nível da organização. Para o futuro pós-2006 existirão dois grandes pilares: um Fundo Europeu Agrícola de Garantia (FEAGA) e um Fundo Europeu Agrícola para o Desenvolvimento Rural (FEADER). Ainda de acordo com o representante do MADRP, o FEADER fica organizado em quatro eixos: 1. Competitividade dos sectores agrícola e florestal, 2. Ordenamento do território, 3. Diversificação da economia rural e qualidade da vida no meio rural, e um eixo LEADER, transversal aos três anteriores. Uma estrutura que, para Pedro Ribeiro, poderá fazer o LEADER “assumir um papel importante”. Função, que Mattamouros Resende define como “metodologia para aplicar instrumentos que estão nos eixos”.

Esta estrutura implica ainda uma alteração significativa, dado que não será possível juntar programas nacionais com programas regionais. Deverá existir um programa nacional de desenvolvimento rural ou programas regionais, mas não em simultâneo.

Neste cenário, Lima Santos acredita que o “grande desafio é a competitividade” e “ambiente”. A deslocação de recursos para a “preocupação ambiental e rendimento dos agricultores” é uma tendência desde a reforma da PAC, de 1992 e, de acordo com o representante do ISA, as componentes ambiental e de ordenamento do território deverão ser as únicas a subsistir a partir de 2013.

João Limão



Os milénios do Garrano

Vários Autores; Associação dos Criadores de Equinos da Raça Garrana, 2000

Com o apoio do LEADER II/ATAHCA

Dar a conhecer a raça Garrana e dar protagonismo a cavalos e criadores, tem sido um dos objectivos da Associação dos Criadores de Equinos da Raça Garrana (ACERG), fundada em 1990. Mantida pela vontade, costumes e carinho que determinados criadores sempre manifestaram em favor destes animais, a designação da raça Garrana como autóctone foi tardia e apenas em Janeiro de 1994 se deu ao início ao Registo Zootécnico. Apesar de ser considerada uma raça "ameaçada" desde 1994 pela União Europeia, a tendência tem sido para um acréscimo do número de efectivos, distribuindo-se, actualmente, por 16 concelhos do Minho e Trás-os-Montes.

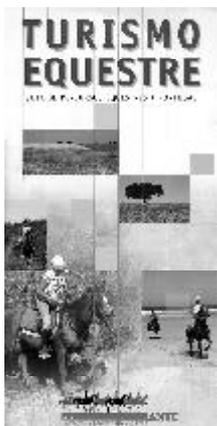
Dedicada aos criadores e amigos da Raça Garrana, esta publicação reúne um conjunto de 26 textos de autoria de criadores, técnicos, investigadores e professores universitários, sobre o Garrano, da sua história, à social, enquadramento geográfico e social e envolvimento mítico.



Pégaso e os Anjos - Terapia pelo cavalo

Santos, Francisco Paulo, Lopes, José Machado; APPACDM e Edições Minerva Coimbra, 2002

Editado pela delegação de Anadia da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), este é o primeiro livro português sobre hipoterapia. "Pégaso e os Anjos - Terapia pelo cavalo", da autoria dos especialistas Francisco Paulo Santos (presidente da Associação Portuguesa de Hipoterapia e administrador do Centro de Medicina Física e Reabilitação de Anadia) e José Machado Lopes, resume os benefícios e as vantagens da prática da hipoterapia e revela os casos de êxito de utentes da APPACDM-Anadia na sequência do trabalho regular que a GNR de Anadia e Sangalhos tem desenvolvido com indivíduos com deficiência. Uma obra de leitura fácil que sensibiliza para a problemática da deficiência mental, por via da terapia assistida com cavalos hipoterapia - uma actividade com milhares de anos que pode ajudar a nossa sociedade.



Turismo Equestre - Guia de Percursos Equestres

ANTE - Associação Nacional de Turismo Equestre, 2003

Com o apoio do LEADER II

Ainda que desactualizado, este guia apresenta 653 percursos equestres de Norte a Sul do país e arquipélago dos Açores, de acordo com as Regiões de Turismo existentes. Como é referido, "a determinação do número de percursos é muito subjectiva, pois partindo das 614 estruturas identificadas, localizadas e caracterizadas são infindáveis as combinações possíveis. Contudo e tendo como objectivo ligar os concelhos entre si, encontramos um número de 653 percursos.". De Alcoutim a Sagres, pela Serra do Algarve, de Barrancos a Vila Nova de Mil Fontes, pela Planura Alentejana, de Arronches à Nazaré, pela Rota dos Templários, são os três percursos transversais identificados e devidamente marcados, cuja realização "implica meios de acompanhamento e apoio logístico para cavalos e cavaleiros..".



A Charneca Ribatejana

Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana, 2001

Com o apoio do LEADER II

Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã, Salvaterra de Magos... Sete concelhos na totalidade e a freguesia Riachos (concelho de Torres Novas). Revelar os aspectos culturais desta região - "de mais de 3000 Km² onde a iniciativa, o capital e o trabalho (...) das nossas gentes muito contribuíram para a aplicação da Iniciativa Comunitária LEADER II" - é o objectivo desta publicação da associação/entidade gestora daquele Programa neste território, editada também como uma forma para homenagear o mundo rural.

www.fite-net.org



A Federação Internacional de Turismo Equestre (FITE) agrupa actualmente 14 organismos nacionais de outros tantos países: Alemanha, Andorra, Áustria, Bélgica, Canadá, Espanha, França, Grã-Bretanha, Irlanda, Itália, Portugal (Federação Equestre Portuguesa), Roménia, Suíça e Estados Unidos da América. As condições de filiação encontram-se descritas no site da FITE, que se apresenta organizado em torno de três links: Apresentação da FITE, TREC (Técnicas de *Randonnée* Equestre de Competição) e Organismos filiados da FITE. Os objectivos da FITE são claros: organizar, desenvolver e promover o turismo equestre no mundo. "Uma realidade económica actual e uma das formas mais seguras de desenvolver a equitação", defendem.

www.sorraia.net



Dedicado exclusivamente ao cavalo do Sorraia, este site - inaugurado em Setembro de 2002, "numa altura em que começava a despertar em Portugal um novo interesse por esta raça" -, permite conhecer a História do Sorraia, que terá estado na origem da raça nacional de Espanha (o cavalo Andaluz) e de Portugal (o cavalo Lusitano).

O site contempla ainda a Reserva

Natural do Cavalo do Sorraia (40 hectares no concelho de Alpiarça, dedicados à conservação e desenvolvimento da raça), dá espaço aos Criadores e Amigos do cavalo do Sorraia e apresenta uma página dedicada à divulgação de estudos e textos produzidos por aqueles que se dedicaram ou dedicam a investigar o cavalo do Sorraia (Ciência) e a Rota do Cavalo... no distrito de Santarém. Um Álbum (de fotografias do Sorraia) e Links (sempre úteis), completam este site bilingue (português e inglês).

www.snc.pt/epae



Fundada em 1979, a Escola Portuguesa de Arte Equestre (EPAAE) é a reconstituição da Real Picaria, Academia Equestre da Corte Portuguesa do séc. XVIII, encerrada no séc. XIX mas cujos ensinamentos e tradição nunca

deixaram de influenciar a maneira de montar em Portugal.

Trabalhando exclusivamente com cavalos da Coudelaria de Alter, a EPAAE destina-se a conservar e dar a conhecer a prática e a divulgação e o ensino da Arte Equestre. O site da EPAAE dá conta da sua História, dos seus Cavaleiros e dos Eventos (espectáculos) que protagoniza. Uma Galeria (de imagens e vídeos), Faqs (Perguntas Frequentes), Links e Contactos completam as possibilidades de entrada neste site no mundo da EPAAE, instalada no Palácio Nacional de Queluz.

Alecrim aos Molhos

O monte dos sentidos

Pelargónio, salva ananás, lúcia-lima, erva príncipe, erva cidreira, absinto, estragão, manjerona, oregãos, "rapazinhos", poejo, hissopo, perpétua-das-areias, alecrim..., um *bouquet* de ervas aromáticas que habitam um monte debruçado sobre o Vale do Sorraia. Plantado na Herdade do Vinagre, em Coruche, este cenário de prelúdio para variadíssimas experiências dos sentidos dá pelo nome de *Alecrim aos Molhos*.



Coruche / João Limão

Ao sabor do vento, o amante de aromas naturais sente o olfacto e o paladar a acordar, depois de um longo período de sono. *Alecrim aos Molhos* é um convite para uma arte de viver a natureza em harmonia. É uma oportunidade de gravar na memória gostos e perfumes que pertencem a um passado remoto, mais próximo da terra e dos seus produtos. A ideia do *Alecrim aos Molhos* nasce na mente de Vera Abreu. Um dia a administradora da Casa Agrícola Barros e Sá decidiu apostar num sector em expansão, abrindo o caminho para a multifuncionalidade da exploração, como forma potencial de rentabilizar a sociedade agrícola. Depois de um interregno que começou em 1974, a propriedade regressa às mãos da família em 1991. A partir daí gera-se uma ligação em *crescendo* entre Vera Abreu e aquelas terras. "Percorria a propriedade a pé, vinha para cá todos os fins de semana, conhecia-a melhor do que todos os meus irmãos e a minha tia." Em 1996, torna-se administradora da casa, "já nessa altura tinha a ideia de criar algo diferente, larguei entretanto em Lisboa a minha actividade, porque já não conseguia conjugar as duas e fui propor à minha família, que são meus sócios e co-proprietários esta área de negócio." Ao projecto de negócio Vera Abreu acrescentou o interesse pessoal pelas plantas e ervas aromáticas. Esta antropóloga de formação nutre uma atracção confessa pela etnobotânica, as tradições e os costumes das populações locais. Restava-lhe só introduzir um ingrediente mais comercial e o projecto prometia ter pernas para andar. Assim dito, assim feito. Vera Abreu beneficiou da própria experiência em lançamento de produtos.

A herdade familiar é clássica no que se refere às culturas e à criação. Faltava-lhe só um produto para lhe dar um "cheirinho" diferente. "A parte do arroz, do milho e do gado estavam definidas. Meti mãos à obra, fui criando todo um projecto mental e procurei saber que tipo de apoios conseguiria." Depois de passar o projecto para o papel Vera Abreu foi então bater à porta da Charneca. Candidatou-se ao LEADER+ apresentando um investimento global da ordem dos 150 mil euros, que foi financiado a 35 por cento. "Criámos os caminhos, toda a zona de acessos, percursos pedonais, furo d'água, a casa, onde para além de fazermos a seagem das plantas, também recebemos as pessoas". O financiamento LEADER+ também foi aplicado na criação da imagem da marca.

Produção biológica

O *Alecrim aos Molhos* é um chapéu com um grande potencial de cobertura. "O *Alecrim aos Molhos* é uma marca comercial, é o nome pelo qual nós vamos fazer a divulgação do nosso projecto e dos produtos que preparamos aqui". Um dos trunfos ostentado pela marca é a Joanhina do modo de produção biológica. "Já temos os terrenos desta área do Alecrim em período de reconversão. Como tínhamos dois anos de espera para podermos lançar as plantas certificadas no mercado, optámos por fazer o melhoramento do solo no primeiro ano, com uma sementeira de Inverno para o enriquecimento do azoto e agora arrancamos com as plantações". Vera Abreu quer levar esta arte de produzir "bio" ainda mais longe, "um dia podemos trazer para dentro da marca outros produtos, como a carne". Com os

prados da exploração também em reconversão, outro objectivo próximo é o modo de produção animal também ser biológica. "E amanhã quem sabe o arroz?"

A casa plantada no cimo do cabeço é toda ela feita de madeira. É um espaço aberto, quente e versátil, onde se secam plantas aromáticas, recebem visitas, dão palestras e formações, servem refeições e chás. As anfitriãs deste espaço são a própria Vera e uma prima, convidada a juntar-se a esta aventura. Desde o dia 1 de Junho de 2004, já acolheram cerca de duas mil pessoas que tiveram o privilégio de contemplar o Vale do Sorraia na sua plenitude, partir à descoberta de percursos olfactivos riquíssimos, provar sabores oriundos de saberes ancestrais, pôr à prova sentidos frequentemente descorados ou maltratados. Trouxeram de lá vinagres, condimentos, *bouquets*, chás, castanhada e memórias perfumadas. No mês de Junho as plantas de sementes ou estacas biológicas que vêm de viveiros de São Pedro do Sul serão instaladas por um período de oito anos numa área de 2,5 hectares. "Até ao final do Verão, princípio do Outono já conseguimos ter pelo menos uma colheita, o que nos permite fazer embalamentos, e ter um *stock* no Natal." Até lá, fica a sugestão para saborear à sombra de uma tarde lenta de Verão uma infusão de erva príncipe *on the rocks*.

Maria do Rosário Aranha

Casa Agrícola Barros & Sá, Lda.
Herdade do Vinagre
Apartado 35
2104-909 Coruche
Te./Fax: 243 678 136
alecrim_molhos@mail.pt
www.alecirmaosmolhos.com

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 29 | Maio 2005

Propriedade

INDE - Intercoperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3.º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 843 58 70
Fax: 21 843 58 71
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Mattamouros Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE, Rui Veríssimo Batista/IDRHa

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

Adelição, Ader-Sousa, Adrepes, Adruse, Carla Welter (LEADER+ Luxemburgo), Charneca, Francisco Paulo Santos (Ass. Port. Hipoterapia), João Bilstein de Sequeira (FEP), Minha Terra, Pedro Dornellas (Vicentina), Pedro Zenkl, Rui Batista (IDRHa), Rude

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

n.º 142 507/99

Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.

